



Catalisadores Comunitários para Economias Transformativas

um Relatório de Investigação-Ação Participativa de quatro áreas rurais distintas em toda a Europa periférica

“Dar Sentido a Economias Transformativas”

Julho 2021



Índice

1. Prefácio e Agradecimentos	4
2. Economias Transformativas	
2.1. “Criar o Solo” para Economias Transformativas - uma Introdução	5
2.2. “Paisagem” Teórica sobre Economias Transformativas	7
2.2.1. Definição de Economias Transformativas	7
2.2.2. Economias Feministas e Economia de Cuidado	8
2.2.3. Economia de Solidariedade Social	9
2.2.4. Agroecologia e Soberania Alimentar	10
2.2.5. Economia dos Comuns e Pró-Comuns	11
2.2.6. De volta à Economia Transformativa	11
2.2.7. Teoria Integral - Todos os Quadrantes	12
2.2.8. Síntese Teórica	14
2.3. “Co-Sentir” - Seleção de quatro casos de estudo da Europa Periférica	16
2.4. A “Identidade” deste processo de IAP - Objetivo e metas da investigação	17
2.4.1. Objetivos de Investigação	17
2.4.2. Metas Específicas	17
3. Metodologia - o nosso processo de “Co-Design”	
3.1. Design do processo de Investigação Ação Participativa	18
3.2. O guião da Investigação Ação Participativa	19
3.2.1. “Criar o Solo” para a Reunião Comunitária (pré-reunião)	19
3.2.2. Reunião Comunitária Participativa em Economias Transformativas	19
“Integridade da Paisagem” - Observar	19
1ª. Território de Impacto Bioregional	19
“Co-Sentir” - Observar	20
2º. Gráfico Radial Bioregional de ET	20
3º. Trocar de Chapéus	20
“Nomear a Identidade” - Refletir	20
4º. Pontos Impulsionadores Bioregionais de ET	20
“Co-Design” - Planear	20
5º. Taça de Ouro Bioregional 2025 (Retroprojecção)	20
6º. Recursos Presentes / Recursos Necessários	21
“Modos de Vida Regenerativos” - Agir	21
7º. Faça os seus comentários e contacto	21
8º. Salto de Compromisso	21

4. As nossas constatações "Regenerativas" e Discussão

4.1. "Criar o Solo"	22
4.1.1. Inquérito de Economias Transformativas	22
Sudoeste Algarvio (Portugal)	22
Hungria	23
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	23
Garrotxa (Catalunha)	24
Síntese Geral	24
4.1.2. Entrevistas ET (Canvas)	24
Sudoeste Algarvio (Portugal)	24
Hungria	25
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	26
Garrotxa (Catalunha)	26
Síntese Geral	26
4.2. Integridade da Paisagem.	27
4.2.1. RC_Território de Impacto Bioregional	27
Sudoeste Algarvio (Portugal)	27
Hungria	27
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	28
Garrotxa (Catalunha)	28
Síntese Geral	28
4.3. Co-Sentir	29
4.3.1. RC_Gráfico Radial Bioregional de ET	29
Sudoeste Algarvio (Portugal)	29
Hungria	30
Garrotxa (Catalunha)	31
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	32
Síntese Geral	33
4.3.2. RC_Troca de Chapéus	34
Sudoeste Algarvio (Portugal)	34
Hungria	34
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	34
Garrotxa (Catalunha)	35
Síntese Geral	35
4.4. Nomear a Identidade	36
4.4.1. RC_Pontos Impulsionadores Bioregionais	36
Sudoeste Algarvio (Portugal)	36
Hungria	36
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	37
Garrotxa (Catalunha)	38

Síntese Geral	39
4.5. Co-Design	40
4.5.1. RC_Taça de Ouro Bioregional 2025 (Retro projecção)	40
Sudoeste Algarvio (Portugal)	40
Hungria	42
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	43
Garrotxa (Catalunha)	43
Síntese Geral	44
4.5.2. RC_Recursos Presentes/Recursos	44
Sudoeste Algarvio (Portugal)	44
Hungria	45
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	46
Garrotxa (Catalunha)	46
Síntese Geral	46
4.6. Modos de Vida Regenerativos	47
4.6.1. RC_Faça os seus comentários e contactos	47
4.6.2. RC_Salto de Compromisso	47
Sudoeste Algarvio (Portugal)	47
Hungria	47
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	48
Garrotxa (Catalunha)	48
Síntese Geral	48
4.7. SÍNTESE GERAL	48
Sudoeste Algarvio (Portugal)	48
Hungria	49
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	49
Garrotxa (Catalunha)	50
Síntese Geral	50
4.8. Feedback do Processo	50
Sudoeste Algarvio (Portugal)	50
Hungria	50
Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)	51
Garrotxa (Catalunha)	51
Síntese Geral	52
5. Recomendações e Implicações	53

1. Prefácio de Agradecimentos

Este relatório descreve o processo e os resultados da primeira fase do projecto "Catalisadores Comunitários para Economias Transformativas" financiado pelo ERASMUS+ Ação-chave 2, sob o código de projecto 2020-1-HU01-KA204-078850. A fase de Investigação da Acção Participativa foi co-desenhada e simultaneamente implementada em quatro regiões rurais da Europa periférica por quatro dos seis parceiros do projecto: Associação Profiantrop (Hungria); Palma Nana (Itália); Projecto Novas Descobertas & Orla Design (Portugal) e Nuria Social (Espanha). Para além do financiamento ERASMUS+, este relatório é possível graças à participação activa de todos os entrevistados em cada uma das regiões do estudo de caso:

Algarve, PORTUGAL	HUNGRIA	Madonie, ITÁLIA	La Garrotxa, ESPANHA
Izzi Market; Flores do Barlavento; Lavrar o Mar; Monte da Casteleja; Rota Vicentina; Viv'ó Mercado; Caldeira negra; João Matias Santos; Salema Eco-Camp; Cooperativa da Terra;	Mindenegyüttmegy Egyesület; Kunbábonyi Tízek Közösségi Szövetkezet; Zalatnay László; Gólya Szövetkezet; Szatyorbolt és Szatyor Egyesület; Gólya Szövetkezet; Nyimi Öko Közösség; Szolidáris Gazdaság Központ; Magyar Permakultúra Egyesület; Pécsi Kosár Közösség	Chi semina raccoglie; Gesualdo Faulisi; Vallone Wilderness; Catalizzatori di comunità per le economie trasformative	Associació d'Empreses EURAM Garrotxa; Artiga Coop, SCCL; Agència d'Innovació i Desenvolupament de la Garrotxa; SAT La Vall d'en Bas, Cooperativa Verntallat; cacau pastisseria; Associació de Creadors de la Garrotxa, La lera; FuturOlot; CercleGarrotxa-Ripoll ès; Resilience Earth SCCL; Ecoarxa Garrotxa

O nosso profundo agradecimento estende-se especialmente ao nosso planeta, que nos sustenta e inspira, e aos antepassados das nossas quatro regiões, por fazerem o mesmo.

Köszönjük, grazie, obrigado, e gràcies,

A equipa de Catalisadores Comunitários.

2. Economias Transformativas

2.1. “Criar o Solo” para Economias Transformativas - uma Introdução:

A economia tem estado muito ligada à mentalidade extractiva durante o último período da presença humana neste planeta, especialmente entre as comunidades que percebem a Natureza como algo “lá fora”, algo separado que pode ser tirado, explorado, transformado em ganho financeiro. Com o advento das cidades, esta percepção aumentou muito, e a consciência de pertencer aos ciclos da Vida tem sido posta em causa com enorme impacto na Teia da Vida da qual todos fazemos parte. Esta ilusão foi levada pela maioria dos discursos económicos a tal ponto que muitos dizem que vivemos agora no Antropoceno, uma unidade não oficial do tempo geológico, utilizada para descrever o período mais recente da história da Terra, quando a actividade humana começou a ter um impacto significativo no clima e ecossistemas do planeta, levando-nos a ciclos degenerativos da presença humana neste planeta, que partilhamos com tantos outros seres.

Esta mentalidade tem sido grandemente promovida por uma tendência de tentar encontrar uma narrativa única no discurso e na prática económica, que possa ser exportada, adotada, e colonizar qualquer outro modo de gestão das nossas Terras e modos de vida. Uma transformação neste paradigma é fortemente necessária, uma transformação que celebre a diversidade e o pluralismo dentro dos modos de gestão da Terra e a criação de meios de vida viáveis e regenerativos centrados nos valores da comunidade e no amor pela Terra.

A origem das palavras 'ecologia' e 'economia' vem da mesma raiz grega, 'oikos', que significa casa. O lar é sempre um lugar de relações profundas e intrincadas, baseadas na mutualidade, reciprocidade e cooperação. 'Logos' significa conhecimento e 'nomos' significa gestão. Assim, ecologia é conhecimento do lar e economia é gestão do lar. Como estamos a gerir a nossa Casa?

Em todo o mundo, as regiões rurais oferecem um futuro esperançoso, dado o seu papel fundamental na gestão da terra e no fornecimento de alimentos às populações circundantes, ligadas a/e conscientes das limitações ecológicas e das relações de longa duração dentro do Mundo Natural. Além disso, devido à menor dimensão das comunidades rurais, proporcionam um terreno fértil para testar alternativas baseadas no local que podem catalisar mudanças sociais e ecológicas aceleradas.

Este processo de Investigação-Ação Participativa (IAP) pretende desenvolver as conclusões resultantes de um projecto anterior (Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo), onde foram mapeados os conhecimentos sobre o estado dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável ecológicos ou da biosfera de cada região, com base nas camadas do “bolo de casamento” dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (Rockström e Sukhdev, 2016). Agora o foco estava na forma como as

comunidades estão a inovar na gestão das suas Paisagens e Biorregiões, através de diversas abordagens à transformação das práticas económicas correntes.

Para isso concebemos este processo IAP com base no Kit de Ferramentas dos Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo, criado no contexto desse projecto anterior, que utilizou o processo de design regenerativo "WeLand - Dar Sentido ao Lugar", para apresentar alternativas sobre modos de gestão que brotam de uma ligação enraizada com a terra e uma clara construção de relações com cada Lugar onde as iniciativas desenvolvem a sua ação transformadora.

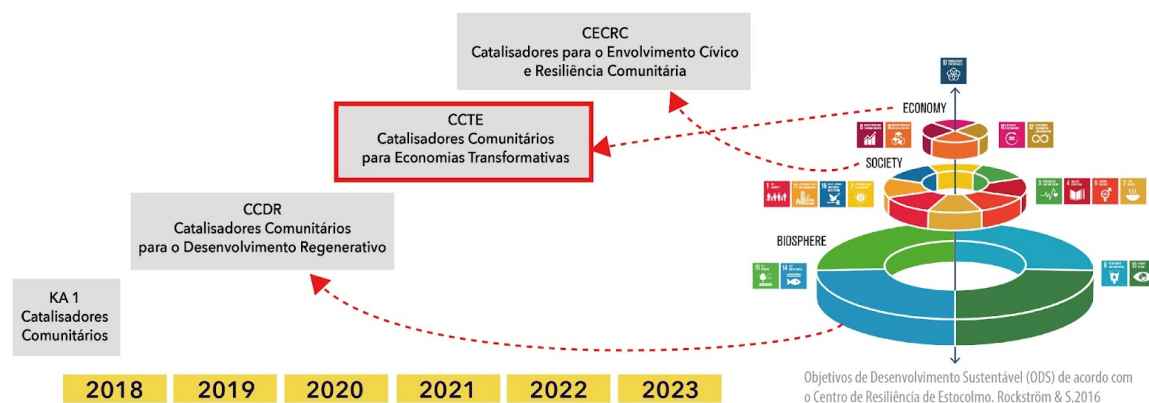


Imagem 2: Sequência do Ciclo de Projetos Catalisadores Comunitários

A investigação foi realizada de Outubro de 2020 até Junho de 2021 e aplicou uma combinação de metodologias mais tradicionais de Investigação-Ação Participativa e o processo de design regenerativo "WeLand - Dar Sentido ao Lugar", tanto para recolher dados, como para analisar os resultados e desencadear a ação regenerativa dentro de cada bioregião. Este IAP foi aplicado em quatro regiões rurais distintas na Europa periférica. As quatro regiões foram selecionadas utilizando critérios que valorizam tanto as suas qualidades distintas como as suas qualidades e desafios comuns. Como tal, as quatro regiões rurais da Europa periférica foram:

1. Europa costeira atlântica (Algarve, Portugal)
2. Europa continental de planícies (Ecséd, Hungria)
3. Europa insular mediterrânica (Madonie, Sicília)
4. Europa alpina mediterrânica (La Garrotxa, Catalunha)

Este relatório traça o quadro teórico, o processo metodológico e os resultados e conclusões iniciais do processo de investigação. Os resultados e conclusões serão revisitados e utilizados para informar as próximas fases do projeto.

2.2. "Paisagem" Teórica sobre Economias Transformativas

2.2.1. Definição de Economias Transformativas

Já bem no século XXI, ainda estamos a sofrer as consequências das manobras políticas e ideológicas iniciadas na década de 1980 pela vanguarda neoliberal, que nos prendeu durante décadas dentro da gaiola de ferro de "Não Há Alternativa", cunhada por Thatcher, a encarnação da miserável combinação de conservadorismo moral e neoliberalismo económico que ainda nos assombra e nos afeta até aos nossos dias.

A crise financeira global que eclodiu em 2007 - fruto, precisamente, da convivência entre os poderes políticos estabelecidos e as elites financeiras em busca da acumulação de capital - mostra a necessidade de repensar a ordem económica atual. Uma multidão de vozes anónimas de todo o mundo, desde os Indignados até à Primavera Árabe, passando pelo movimento Occupy, juntaram-se num grito que apela à destituição do regime estabelecido.

A falta de interferência externa nestes movimentos é acompanhada por uma silenciosa corrente subterrânea, construída sobre o que resta do movimento antiglobalização "Outro Mundo é Possível" e tradições históricas de longa data, tais como o cooperativismo e as economias comunitárias. Toda uma série de mãos e mentes, a postos para estabelecer novas formas de viver no aqui e agora, desenvolvendo novas economias - de trabalho, habitação, consumo e convivência - a partir de bases, materiais e culturas diametralmente opostas ao regime do capitalismo tardio, mostram que existem outras formas de viver, apesar de ter de o fazer fora dos limites estreitos do mercado livre.

Estas outras economias, que cresceram acentuadamente nos últimos anos sob o radar das elites (e também, infelizmente, das massas), estão em vias de ganhar força. Um dos principais desafios que enfrentamos nesta jornada é a ausência de uma narrativa comum - de uma visão holística que nos permita identificar e combinar diferentes posições, e reuni-las dentro de uma narrativa que seja simultaneamente mais ampla e partilhada através de uma sócio-economia transformadora.

- Esta narrativa comum é fundamental não só para nos permitir demonstrar a nossa unidade, mas também para desmascarar os projectos que pouco mais fazem do que reinventar o pensamento neoliberal sob uma nova bandeira, e além disso para enfrentar as monstruosidades que surgem na extrema-direita.
- Economias Transformativas, é então um conceito unificador das propostas de transformação socioeconómica que apontam para o mesmo horizonte. Este horizonte é moldado por processos plurais e regenerativos que permitem a gestão do Lugar com respeito e cuidado para com as gerações presentes e futuras. Há quatro movimentos de movimentos que, hibridizando uns com os outros e com outras propostas, são o cerne do círculo virtuoso das economias transformativas:

- Economias Feministas, para mover mercados e capital para o centro de organização socio-económica e colocar a vida e todos os processos que a tornam possível de forma sustentável, com especial importância na economia de cuidado e do papel chave das mulheres e dos valores feminizados dentro deste processo.
- A Economia Social e Solidária, com comércio justo e finanças éticas, construída sobre as bases do cooperativismo e da construção de mercados sociais, hibridizando a economia social tradicional com novas práticas de auto-organização e democratização da economia em todas as ligações ao ciclo económico, fornecendo bens e serviços para a satisfação das necessidades e não do lucro.
- A Agroecologia e o movimento pela Soberania Alimentar, com o seu papel fundamental no repensar do modelo agro-alimentar como peça básica para sustentar a vida, que está também a repensar a nossa relação com a Terra e os ciclos naturais, e que, portanto, liga a sua luta a todas as lutas pela defesa da terra, lideradas pela ecologia social e por movimentos como o Decréscimo.
- A economia baseada nos comuns ou pró-comuns, com as suas três principais subfamílias: os comuns urbanos, os comuns naturais e o valor digital e produtivo, baseado na gestão comunitária, quebrando a dualidade estado-mercado como únicos espaços visíveis e legítimos para a produção, gestão e afectação de recursos do sistema económico.

2.2.2. Economias Feministas e Economias de Cuidado

Economia Feminista é o estudo crítico da economia e das economias, com enfoque na investigação económica e análise política inclusiva e consciente do género. Muita da investigação económica feminista centra-se em tópicos que têm sido negligenciados no campo, tais como as experiências de trabalho de cuidado, violência do parceiro íntimo, ou em teorias económicas que poderiam ser melhoradas através de uma melhor incorporação dos efeitos e interações de género, tais como entre sectores remunerados e não remunerados das economias. Os economistas feministas chamam a atenção para as construções sociais da economia tradicional, questionando até que ponto esta é positiva e objetiva, e mostrando como os seus modelos e métodos são enviesados por uma atenção exclusiva a temas associados ao sexo masculino e um favorecimento unilateral de pressupostos e métodos associados ao sexo masculino. Enquanto a economia tradicionalmente se concentrava nos mercados e nas ideias de autonomia, abstracção e lógica associadas ao masculino, as economistas feministas apelam a uma exploração mais completa da vida económica, incluindo tais tópicos "culturalmente femininos" como a economia familiar, e examinando a importância das ligações, concretude e emoção na explicação dos fenómenos económicos, tal como experimentados por todos os membros da sociedade e não apenas pelas elites.

Primeiro, explora a relação mutuamente constitutiva entre género e classe, onde a classe é definida como a relação de uma pessoa/grupo com a produção, apropriação, e distribuição do excedente. Segundo, a maioria das economistas políticas feministas

contemporâneas vêem o capitalismo não apenas como um sistema económico mas como uma ordem institucional que molda a cultura, a política, bem como a economia, através da sua tendência para dar prioridade à acumulação de excedentes, que é a "história da frente" do capitalismo (Fraser 2014). Os economistas políticos feministas desenvolveram uma crítica a esta tendência para a acumulação, argumentando que esta não pode ser reconciliada com uma visão feminista que dá prioridade à produção de vida, no sentido mais amplo desse termo (Bhattacharya 2017).

O cuidado é cuidar e prover às necessidades dos outros humanos e não humanos; é prover ao que é necessário para a saúde, bem-estar, manutenção e proteção dos seres humanos e do mundo mais que humano (Tronto 1993). Presume-se também que os cuidados estão ligados ao sentimento de sentir afeto ou gosto ou amor. Nas relações interpessoais, os cuidados significam muitas vezes dar ou proporcionar o bem-estar daqueles que não podem cuidar de si próprios devido à idade ou incapacidade.

Este trabalho caracteriza-se pela sua intensidade temporal, pelas exigências contínuas dos dependentes e pela incapacidade do cuidador em adiar as necessidades de cuidados. O trabalho de assistência pode ser realizado como trabalho não remunerado em lares e comunidades ou como trabalho remunerado em estruturas de acolhimento de crianças, em hospitais ou em lares para idosos. Empiricamente, e globalmente, este trabalho é feito principalmente por mulheres e é socialmente considerado "trabalho de mulheres" (Budlender 2010). A ordem simbólica de género de masculinidade e feminilidade naturaliza esta compreensão do trabalho das mulheres no sector da prestação de cuidados. É pouco valorizado nas sociedades capitalistas e patriarcais que tomam o trabalho de cuidados como garantido (Waring 1988, Beneria 2003). A experiência do cuidado pode ser entendida não só como um acto de amor e amizade, mas também como uma reciprocidade adequada entre o mundo natural humano e não humano, através de práticas que reconhecem respeitosa e agência de todos os seres do mundo. Tais actos de cuidado requerem actos de imaginação para reapropriar, reconstruir e reinventar os nossos mundos de vida pessoal e política que experienciamos (Escobar e Harcourt 2005).

2.2.3. Economia Social e Solidária

A economia social e solidária é uma abordagem ética e baseada em valores do desenvolvimento económico que dá prioridade ao bem-estar das pessoas e do planeta, sobre os lucros e o crescimento cego. A economia social e solidária é um conceito abrangente que designa empresas e organizações de economia social e solidária (SSEOs), em particular cooperativas, sociedades de benefício mútuo, associações, fundações, organizações sem fins lucrativos e empresas sociais, que têm a característica específica de produzir bens, serviços e conhecimentos, ao mesmo tempo que prosseguem objectivos económicos e sociais e promovem a Solidariedade.

Através dos seus princípios, valores e práticas relacionados com participação, democracia, solidariedade, e os seus objectivos sociais, e muitas vezes ambientais, a

economia social provou ser resistente a crises económicas. Desta forma, baseia-se no estímulo de culturas económicas que têm valores fortes, bem como na definição de formas e estruturas organizacionais para que tais valores sejam vividos, reforçando simultaneamente a auto-suficiência e a interconectividade das comunidades.

Em tempos de aumento das desigualdades, degradação ambiental e turbulência económica global, a economia social fornece à sociedade civil os meios para satisfazer as suas necessidades. De facto, a economia social fornece bens e serviços em sintonia com a realidade, cultura e necessidades da comunidade que serve.

2.2.4. Agroecologia e Soberania Alimentar

A agroecologia consiste em integrar os princípios ecológicos na concepção e gestão dos sistemas agrícolas. Incorpora a proteção a longo prazo dos recursos naturais como um elemento da produção alimentar. Trata-se obviamente de uma fusão das palavras agricultura e ecologia. O seu objectivo básico é reconectar a agricultura com as suas raízes biofísicas, agronómicas, económicas, e filosóficas nos ecossistemas naturais. A agroecologia é muito mais do que uma intervenção ambiental. É um movimento social; um movimento que ajuda a construir, defender e fortalecer os nossos complexos sistemas alimentares e agrícolas no processo.

A agroecologia é uma alternativa promissora à agricultura industrial, com o potencial de evitar as consequências sociais e ecológicas negativas da produção intensiva de inputs. A transição para a produção agroecológica é, no entanto, um projeto complexo que requer contribuições diversas do exterior das instituições científicas. Os agroecologistas colaboram assim com os produtores tradicionais e movimentos agroecológicos, através de práticas e comportamentos que asseguram uma utilização regenerativa dos recursos naturais e dos serviços ecossistémicos e respondem à necessidade de sistemas alimentares socialmente equitativos. A adopção de práticas agroecológicas a nível agrícola contribui para aumentar os rendimentos dos pequenos agricultores, a segurança alimentar e a sua resiliência às alterações climáticas.

A agroecologia aplica a "ciência ecológica ao estudo, concepção e gestão de agroecossistemas sustentáveis" (Altieri 1995) envolvendo várias abordagens para resolver os desafios reais da produção agrícola. Embora a agroecologia tenha inicialmente tratado principalmente da produção de culturas e aspectos de protecção, nas últimas décadas novas dimensões tais como questões ambientais, sociais, económicas, éticas e de desenvolvimento estão a tornar-se mais relevantes, e a germinar acções locais em diversas frentes. Atualmente, o termo "agroecologia" significa tanto uma disciplina científica, um conjunto de práticas agrícolas como um movimento sócio-político.

Soberania alimentar é um termo que trata de sistemas alimentares em que as pessoas que produzem, distribuem e consomem alimentos também controlam os mecanismos e políticas de produção e distribuição de alimentos. Isto contrasta com o atual regime alimentar corporativo, no qual as corporações e instituições de mercado controlam o sistema alimentar global. A soberania alimentar enfatiza as economias alimentares locais, a disponibilidade alimentar sustentável, e centraliza os alimentos, práticas e comportamentos culturalmente apropriados. A soberania alimentar é o direito dos povos a alimentos saudáveis e culturalmente apropriados produzidos através de métodos

ecologicamente corretos e sustentáveis, e o seu direito a definir os seus próprios sistemas alimentares e agrícolas. Coloca aqueles que produzem, distribuem e consomem alimentos no centro dos sistemas e políticas alimentares, em vez das exigências dos mercados e corporações. Defende os interesses e a inclusão das próximas gerações. Oferece uma estratégia para resistir e dismantelar o atual regime comercial e alimentar das empresas, e orientações para os sistemas alimentares, agrícolas, pastoris e pesqueiros determinados pelos produtores locais. A soberania alimentar dá prioridade às economias e mercados locais e nacionais e dá poder aos camponeses e agricultores familiares, à pesca artesanal, ao pastoreio liderado pelos pastores, e à produção, distribuição e consumo de alimentos com base na sustentabilidade ambiental, social e económica.

2.2.5. Economia de Comuns e Pró-Comuns

Os bens comuns são os recursos culturais e naturais acessíveis a todos os membros de uma sociedade, incluindo materiais naturais como o ar, a água, e uma Terra habitável. Estes recursos são mantidos em comum, mesmo quando são propriedade privada ou pública. Os bens comuns também podem ser entendidos como recursos naturais que grupos de pessoas (comunidades, grupos de utilizadores) gerem para benefício individual e colectivo. Caracteristicamente, isto envolve uma variedade de normas e valores informais (prática social) empregados para um mecanismo de governança. Os bens comuns também podem ser definidos como uma prática social de governar um recurso não pelo estado ou mercado, mas por uma comunidade de utilizadores que se auto-governa o recurso através de instituições que cria.

Estudiosos como David Harvey adotaram o termo comunar como um verbo que serve para enfatizar uma compreensão do conceito de comuns como um processo e uma prática, e não como "um tipo particular de coisa" ou entidade estática.

"O comum não deve ser interpretado, portanto, como um tipo particular de coisa, bem ou mesmo processo social, mas como um [sistema de] relações sociais instáveis e maleáveis entre um determinado grupo social auto-definido e os aspectos do seu ambiente social e/ou físico realmente existente ou ainda por criar, considerado crucial para a sua vida e subsistência. Existe, com efeito, uma prática social de comunar. Esta prática produz ou estabelece uma relação social com um comum cuja utilização é exclusiva de um grupo social ou parcial ou totalmente aberta a todas e a todos. No cerne da prática de comunar está o princípio de que a relação entre o grupo social e aquele aspecto do ambiente tratado como comum deve ser tanto colectiva como não-commodificada-sem-limites à lógica de troca de mercado e avaliações de mercado".

Podemos então destacar a interligação sistémica que existe entre os recursos partilhados (os recursos comuns), a comunidade que a governa, e a comunitarização, ou seja, o processo de se reunir para gerir tais recursos. Assim, comunar acrescenta uma outra dimensão aos bens comuns, reconhecendo as práticas sociais implicadas no processo de estabelecer e governar bens comuns. Essas práticas implicam, para a comunidade de comunadores, a criação de uma nova forma de viver e agir em conjunto, envolvendo assim

uma mudança psicológica colectiva: implica também um processo de subjetivação, onde os comunadores se produzem como sujeitos comuns.

2.2.6. De Volta à Economia Transformativa

A partir destas diferentes perspectivas sobre a economia e sobre a própria vida, podemos extrair uma perspectiva comum, um objetivo comum baseado em duas grandes afirmações:

- A determinação em tornar visíveis as faces ocultas da economia: estes movimentos colocam em primeiro plano o papel da comunidade na manutenção das condições de vida e dos sistemas naturais, das tarefas de cuidado e dos laços comunitários. Os espaços que moldam uma economia plural têm sido negligenciados e frequentemente atacados intencionalmente pela economia de mercado através da sua ânsia de comercializar todas as áreas da vida, e de ocultar o reforço desta diversidade.

- A necessidade de os colocar no centro da actividade económica: consequentemente, já não se trata apenas de dar visibilidade ao que foi invisibilizado, mas também de defender e colocar a sustentabilidade a longo prazo dos sistemas naturais, tarefas de cuidados e redes comunitárias no centro da nossa vida económica; de o fazer de modo a que as formas que a organização da economia possa assumir se baseiem na distribuição igualitária de poder e recursos; de modo a que se concentrem na satisfação das necessidades (por oposição à procura do lucro), e sejam empreendidas numa base democrática e transparente.

Assim, podemos dizer que dois grandes eixos formam a pedra angular desta narrativa partilhada: a sustentabilidade da vida (em termos da natureza, dos nossos corpos e das nossas comunidades) e a distribuição igualitária do poder (a organização democrática e sem fins lucrativos das diferentes formas de organização dos sistemas de produção), rompendo com as estruturas e a cultura de poder estabelecida sob a actual ordem económica.

As economias transformativas querem que a nossa vida em comum seja o eixo sobre o qual a economia gira, e que acabe, de uma vez por todas, com a hegemonia de um capitalismo fracassado que se prolonga à nossa volta.

Para tais empreendimentos, é necessário enquadrar uma abordagem holística para apoiar o impacto colectivo de uma tal mudança transformadora para modos de gestão que sustentem a vida e distribuam o poder de forma sinérgica. Para isso, acreditamos que precisamos de ter em consideração a experiência vivida de todos os afectados por tal gestão, a reencenação de culturas pluralistas de respeito tanto novas como antigas, o enquadramento e partilha de práticas e comportamentos regenerativos que possam apoiar esta mudança em honra da inovação e tradição locais, bem como um sentido de solidariedade globalizada, tudo isso consciente de todos os condicionantes sistémicos, bem como do impacto que qualquer acção tem em múltiplas escalas.

Para isso, honrando a diversidade presente no seio dos movimentos transformadores anteriormente mencionados, procuraremos um modelo que tentará abranger a pluralidade dentro destes movimentos, concentrando-se nas suas contribuições para padrões de mudança incorporados e localmente apropriados.

2.2.7. Teoria Integral - Todos os Quadrantes

Para sintetizar a descoberta que emerge deste movimento diversificado e autónomo de movimentos, analisámos a Teoria Integral como uma ferramenta de síntese que não pretende normalizar e trazer para uma definição central de uma teoria mas é capaz de manter a pluralidade e as diversas expressões da experiência vivida das pessoas afetadas, os valores e a cultura que emerge da organização autónoma, as práticas e os comportamentos presentes nos movimentos, bem como as interacções sistémicas onde os movimentos estão embutidos e as ligações que geram.

A "Teoria Integral" de Ken Wilber é uma meta-teoria sintética, uma teoria cujo objeto é a própria teoria, com o objetivo de descrever a teoria existente de uma forma sistemática. Uma meta-teoria sintética "classifica teorias inteiras de acordo com alguma tipologia abrangente". A meta-teoria de Wilber começou no início da década de 1970, com a publicação de *O Espectro da Consciência* (1977), sintetizando as tradições religiosas orientais com a psicologia do desenvolvimento ocidental. Ultimamente tem sido amplamente utilizada como base para descrever outros centros de teoria, tais como a ecologia, psicologia, espiritualidade e outros.

Uma das principais abordagens utilizadas pela Teoria Integral para mapear a realidade e fenómenos, integrando em vez de segregar aspectos de tais fenómenos, é o modelo AQAL (All-Quadrants/All-Levels) proposto por Wilber (2007). Aqui focaremos apenas a componente "Todos os Quadrantes" e deixaremos de lado a parte "Todos os Níveis". Reconhecemos que a parte "Todos os Quadrantes" desta metáfora pode por vezes ser prejudicial ao atribuir níveis de consciência que, a nosso ver, precisam de ser mais desenvolvidos para evitar cair em padrões de desconexão e criação de elite, e essa é a razão pela qual não incluímos a parte "Todos os Níveis" nesta análise. Consideramos a parte "Todos os Quadrantes" de tal metáfora amplamente relevante para mapear a realidade e fenómenos das Economias Transformativas nesta fase.

Quatro perspectivas irreduzíveis são enquadradas dentro deste modelo como quadrantes, separando a realidade em manifestações interiores ou exteriores de fenómenos individuais ou colectivos. Estes quadrantes servem para sintetizar os fenómenos e organizar a realidade em qualidades de expressão. Não devem ser vistos como pedaços isolados e segmentados que separam fenómenos, mas sim holons de uma abordagem de sistemas inteiros (holísticos) que tentam descrever fenómenos, e a partir de que ângulos estamos a perceber o todo da criação. (Esbjörn-Hargens e Zimmerman, 2009) Os quatro quadrantes são os seguintes:

- Uma perspectiva subjetiva experiencial/intencional (I) conhecida pela experiência sentida (individual-interior); No quadrante subjectivo-ou superior esquerdo, encontramos o mundo das nossas experiências individuais, interiores: os nossos pensamentos, emoções, memórias, motivações, estados de espírito, percepções, e sensações imediatas - por outras palavras, o nosso espaço "EU".

- Uma perspectiva cultural inter-subjectiva (Nós) conhecida por ressonância mútua (colectivo-interior); No quadrante inter-subjectivo - ou inferior esquerdo, encontramos o mundo das nossas experiências colectivas, interiores: os nossos valores partilhados, significados, linguagem, relações, e antecedentes culturais - por outras palavras, o nosso espaço "NÓS".
- Uma perspectiva comportamental objetiva conhecida pela observação (individual-exterior); no quadrante objetivo-ou superior-direito, encontramos o mundo das coisas individuais, exteriores: o nosso corpo material (incluindo o cérebro) e tudo o que se pode ver ou tocar (ou observar cientificamente) no tempo e no espaço, práticas, comportamentos - por outras palavras, o nosso espaço " ISSO".
- E finalmente, uma perspectiva inter-objetivo sistémica/social conhecida pela análise sistémica (colectivo-exterior); No quadrante inter-objetivo-ou inferior-direito, encontramos o mundo das coisas colectivas, exteriores: sistemas, redes, tecnologia, governo, e o ambiente natural - por outras palavras, o espaço dos "ISSOS".



2.2.8. Síntese Teórica

- Olhando profundamente para os quatro movimentos que comprimem a nossa definição comum de economias transformativas (Economia Feminista e Economia de Cuidado; Economia Social e Solidária; Economia de Comuns e Pró-Comuns; e Agroecologia e Soberania Alimentar) identificamos certos padrões e qualidades de

investigação que cada um deles expressa, que têm um foco mais amplo para tal movimento em comparação com outros. Com isto não estamos a dizer que tais movimentos apenas se debruçam sobre tais padrões para a sua investigação, mas que dentro da sua investigação estes padrões são mostrados como aliados mais fortes para uma definição holística das economias transformativas, contribuindo para a pluralidade de expressões presentes dentro do movimento dos movimentos de forma mais clara. Verificámos também que existe uma relação sinérgica entre essas qualidades e os quadrantes apresentados pela Teoria Integral, que nos leva a escolher, em primeiro lugar, tal teoria para enquadrar o conceito holístico das Economias Transformativas. As ligações são as seguintes:

- Economias Feministas e Economias de Cuidado, têm um forte enfoque na experiência de todos os indivíduos afectados pelas escolhas económicas, especialmente comunidades marginalizadas e indivíduos. Centra a sua ação na melhoria da qualidade de vida e na capacitação dos indivíduos como membros contribuintes da sociedade independentemente do género, raça e/ou estatuto económico, enfatizando o bem-estar, a voz e o poder, especialmente para os mais marginalizados. Isto não quer dizer que este movimento não tenha em consideração os sistemas em que está inserido (como a violência sistémica), por exemplo, ou não se envolve em mudanças comportamentais da sociedade ou na criação de culturas de valor e processos de tomada de decisões, pelo contrário, têm também um amplo impacto em tais áreas da realidade. Mas o que é frequentemente mostrado e expresso como uma forte motivação para tal movimento é a mudança da experiência vivida, especialmente de indivíduos marginalizados e honrando a experiência de tais indivíduos no âmbito da transformação das narrativas económicas. Esta é a razão pela qual colocamos este movimento centrado no quadrante "EU" (terreno das Experiências - conhecido por Experiência Sentida - fenómeno subjetivo) olhando desse centro para o resto dos fenómenos, e tendo impacto como um holon também em todos os outros quadrantes.
- Economia Social e Solidária; neste caso o ênfase está em destacar os valores e ética associados à forma como os empreendimentos económicos são organizados através da criação de estruturas e processos organizacionais partilhados que reforçam uma cultura colaborativa e cooperativa no âmbito das iniciativas. Tal como no movimento anterior, a ESS também tem fortes ligações e inovações com os outros quadrantes. Situámos este movimento centrado no quadrante "NÓS" (terreno da Cultura - conhecido por Ressonância Mútua - fenómenos intersubjetivos), difundindo o seu impacto também através dos outros quadrantes.
- Agroecologia e Soberania Alimentar, trata especialmente das práticas de assegurar a produção agroecológica sustentável/regenerativa de alimentos e outras necessidades a nível comunitário, bem como dos comportamentos de consumo que mantêm e apoiam tais ciclos locais de fluxo económico. Neste caso, vemos este movimento como um movimento fortemente orientado para a ação e, por essa razão, situamo-lo no quadrante "ISSO" (terreno de Comportamentos - conhecido por fenómenos de Observação - Objetivos), mais uma vez espalhando a sua ação também por outros quadrantes.
- Economia dos Comuns e Pró-Comuns; finalmente, este movimento particular tem claramente como objeto de sensibilização os sistemas de comunalidade que

permeiam a gestão dos "Oikos" (o nosso Lar colectivo), o ar que respiramos, os nossos oceanos, os ecossistemas e as suas funções e serviços, as terras antes da privatização, a vida selvagem, o clima, a base de conhecimento colectivo que existe e que é partilhada através do percurso da humanidade, bem como todo o conhecimento presente fora da actual consciência humana. Para tal abordagem sistémica, esta foi uma alocação fácil, dentro de um contexto de Teoria Integral, no quadrante "ISSOS" (Terreno de Sistemas - conhecido pela Análise Sistémica - Fenómenos Inter-objetivos), embora partindo de um enfoque sistémico, também proporciona culturas de partilha, através de comportamentos acionáveis que têm impacto na experiência das pessoas envolvidas.



- Reconhecendo o fluxo permeável que cada um destes movimentos tem através dos diferentes quadrantes da Teoria Integral, decidimos para este processo de Investigação Participativa de Acção (IAP) criar uma adaptação de Todos os Quadrantes para Economias Transformativas. Tomámos em consideração cada um dos movimentos e os seus fortes aspectos de base e renomeámos os quadrantes em termos das suas qualidades e essência. O nosso objectivo era que através desta renomeação e dissociação de tais movimentos pudéssemos ter uma interpretação e abordagem menos tendenciosas da representação alargada de empreendimentos económicos que estão a transformar narrativas económicas independentemente da sua identificação com um determinado movimento ou ideologia. Por isso, criámos os seguintes quadrantes:
- PROPÓSITO E CUIDADO mais tarde PROPÓSITO DE CUIDADO; para enfatizar a experiência e motivação através do desenvolvimento de qualquer tipo de iniciativa transformativa.
- EQUIDADE e SOLIDARIEDADE mais tarde CULTURA PARTILHADA & GOVERNANÇA; para destacar tanto o sistema de valores inerentes à iniciativa, como a cultura colaborativa e as estruturas organizacionais partilhadas.

- AÇÃO ECO-SOCIAL mais tarde AÇÃO ECOSOCIAL; alargando o foco em acções desenvolvidas através da transformação de narrativas e práticas económicas, vimos a necessidade de alargar a arena da agroecologia e soberania alimentar para encapsular também outros comportamentos e práticas eco-sociais acionáveis, tais como gestão consciente da água, habitação sustentável e acessível, produção e consumo de energia renovável, só para citar alguns.
- COMUNIDADE & LUGAR mais tarde PARCERIAS SINÉRGICAS; para lançar luz sobre o facto de que todas as iniciativas estão incorporadas em Lugares particulares e beneficiam dos bens comuns presentes numa Comunidade e que as relações ou parcerias transformam a saúde e a qualidade desses bens comuns, especialmente quando existem sinergias estabelecidas entre iniciativas.

Este quadro foi o que orientou o nosso processo de Investigação de Ação Participativa (IAP) e as coletas das práticas locais experimentadas nas quatro regiões periféricas rurais europeias descritas no capítulo seguinte.

2.3. "Co-Sentir" - Seleção de quatro casos de estudo na Europa Periférica

Este projecto definiu a sua área de trabalho com o conceito de "margens". Nos sistemas hierárquicos e centralizados, são geradas margens, nas quais o sistema não é capaz de atuar. As margens permanecem na periferia da hierarquia social e caracterizam-se geralmente por uma maior precariedade em comparação com o centro do sistema. Pelo contrário, de uma perspectiva sistémica, as áreas marginais representam áreas com elevado potencial de desenvolvimento, uma vez que a rigidez da violência estrutural não é tão forte aqui, deixando espaço para a criatividade e emergência de padrões naturais.

Por este motivo, no início do projecto Catalisadores Comunitários, seleccionámos parceiros de regiões que cumprem os seguintes critérios:

As quatro regiões que preenchem os critérios acima mencionados são:

- Formam parte dos países periféricos da União Europeia
- Fazem parte das zonas marginais do seu próprio país
- Fazem parte de uma bioregião clara e singular
- Pertencem a uma cultura única e periférica
- Não são provenientes de uma zona muito afectada pela exploração, o que limitaria a implementação de projectos de desenvolvimento regenerativo devido à falta de recursos

As quatro regiões que cumprem os critérios acima são:

1. Sudoeste Algarvio, PORTUGAL

Uma região rural costeira atlântica. Este caso apresenta uma região com uma história única e milenar, e que se situa no extremo ocidental da Europa. Desenvolveu uma economia baseada nos frutos secos, na pesca e no turismo.

2. Ecséd, HUNGRIA

Uma região rural de planície continental. Este caso apresenta comunidades ciganas

que têm a sua própria língua e cultura antigas e únicas, e representam uma das culturas mais marginalizadas da Europa.

3. Madonie Sicilia, ITÁLIA

Uma região insular rural. Este caso apresenta uma região que fala o seu próprio dialeto e tem uma cultura antiga e única. É uma zona claramente periférica, mas, ao mesmo tempo, tem capacidade de resposta.

4. La Garrotxa Girona, ESPANHA

Uma região alpina mediterrânica rural. Este caso apresenta uma região rural de montanha que fala catalão, uma língua não reconhecida pela União Europeia. Tem uma história única e uma economia suficientemente ativa, mas não a longo prazo.

2.4. A “Identidade” deste processo IAP - Objetivo e Metas da Investigação

2.4.1. Objetivo da Investigação

Sendo um movimento sistémico recente de movimentos, muitos dos padrões inovadores pelas iniciativas transformativas estão ainda a ser testados e a ser fundamentados nos seus lugares locais específicos. Isto dá espaço para uma oportunidade de aprendizagem e compreensão partilhada entre as diferentes regiões rurais periféricas europeias, antes de propor qualquer conjunto de ferramentas ou conjunto de padrões que, na nossa percepção, possam apoiar a transformação das narrativas económicas.

O nosso objetivo é, então, envolvermo-nos num processo de Investigação-Ação Participativa que tenha em consideração o estado actual de tais movimentos nas quatro regiões, ao mesmo tempo que reforça as metodologias criadas pelo consórcio de investigação colaborativa Catalisadores Comunitários. Visando uma proposta iterativa relevante que esteja em sintonia com as necessidades e estágio de desenvolvimento de cada uma das regiões de estudo, destacando padrões que possam ser amarrados ou servir de inspiração para outras iniciativas europeias rurais periféricas.

2.4.2. Metas Específicas:

1. Implementar um diagnóstico participativo para extrair padrões sobre como as iniciativas locais estão a transformar as narrativas e práticas económicas.
2. Destacar os limites, limitações e forças crescentes de cada região no contexto das Economias Transformativas.
3. Prototipar o Kit de Ferramentas de Catalisadores Comunitários, criado num projecto anterior "Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo", com base no processo de pensamento de design

regenerativo "WeLand - Dar Sentido ao Lugar", adaptando-o a uma metodologia de Investigação-Ação Participativa.

4. Identificar padrões úteis para a criação de um Kit de Ferramentas, um Currículo, algumas orientações teóricas e uma Plataforma para catalisadores comunitários para economias transformativas.
5. Para ver a relevância dos ODS para o contexto das Economias Transformativas.

3. Metodologia - o nosso processo de "Co-Design"

3.1. Design do Processo de Investigação-Ação Participativa

A investigação-ação participativa (IAP) é uma abordagem à investigação de ação que enfatiza a participação e a ação dos membros das comunidades afetadas por essa investigação. Procura compreender o mundo, tentando mudá-lo, em colaboração e após reflexão. IAP enfatiza a investigação coletiva e a experimentação fundamentada na experiência e na história social. Dentro de um processo IAP, "as comunidades de investigação e ação evoluem e abordam questões e assuntos que são significativos para aqueles que participam como co-investigadores".

O ciclo IAP é um processo que convida os membros da comunidade a colaborar na observação contínua (Observar), reunindo essas observações e reflectindo sobre elas (Refletir), planear um curso de ações adequado ao contexto que está a ser investigado (Planear), levando a agir sobre a questão em questão (Agir). Sendo um processo iterativo, as ações são seguidas de mais observação, reflexão contínua, planeamento e ação contínua.

Os facilitadores desta IAP consideraram importante estruturar o processo IAP de tal forma que cada parte gerasse um possível padrão a ser analisado. Prototipando desta forma o processo de linguagem padrão visando a criação do Kit de Ferramentas que segue esta fase do projeto Catalisadores Comunitários para as Economias Transformativas.

Reconhecendo também o processo iterativo destes inquéritos sistémicos, considerámos o processo de concepção que resultou do projecto Erasmus em que este consórcio esteve anteriormente envolvido (Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo - CCRD).

Para este processo IAP unimos estes dois processos: o processo de design regenerativo "WeLand - Dar Sentido ao Lugar" (CCDR) e o "Ciclo de Investigação-Ação Participativa". Ambos capazes de mostrar a natureza iterativa do processo necessário para compreender as Economias Transformativas localmente, bem como focando na participação que leva à ação sobre questões particulares.



3.2. O Guião da Investigação- Ação Participativa

3.2.1. "Criar o Solo" para a Reunião Comunitária (pré-reunião)

- 1º - Defina os limites da Biorregião a que deseja aceder.
- 2º - Encontre 8 a 10 iniciativas diversas com trabalhos relevantes em Economias Transformativas.
- 3º - Envie o Inquérito de Economias Transformativas para as iniciativas responderem, recolha os dados e analise-os.
- 4º - Convide os representantes para uma entrevista guiada por um canvas com os 3 seguintes padrões: Impacto Territorial da Organização; Reflita no resultado do seu Inquérito sobre as Economias Transformativas em formato de Mapa Radial dentro dos 4 quadrantes das Economias Transformativas; Defina de forma colaborativa o Driver da Iniciativa.

3.2.2. Reunião Comunitária Participativa sobre Economias Transformativas

Convide os colaboradores da iniciativa que entrevistou e os actores comunitários afetados por essas iniciativas, bem como o público em geral com interesse no tema das Economias Transformativas (ET) a participar numa Reunião Comunitária. O formato de tais reuniões pode ser diverso, embora encorajemos que seja feita como uma exposição interativa, onde as pessoas passam por diferentes estações acionáveis para deixar os seus comentários e participar na criação deste processo IAP. Também pode ser feito online com o apoio do Mural (plataforma online). As estações propostas são as seguintes (a serem adaptadas ao contexto local de cada região):

“Integridade da Paisagem” - Observar

1º. Território de Impacto Bioregional

- > Porquê: Para visualizar o território coletivo abrangido pelas iniciativas e as áreas negligenciadas ou menosprezadas.
- > Como: Exponha um mapa do território. Convide os participantes a delinear/desenhar a área territorial em que a sua iniciativa tem impacto.
- > O quê: Um Mapa, marcadores, computador (online), mural (software)
- > Dicas: reforce o impacto real que a iniciativa tem, mais do que aquele que a iniciativa deseja ter para ser capaz de destacar áreas que possam ser menos tidas em consideração.

“Co-Sentir” - Observar

2º. Gráfico Radial Bioregional de ET

- > Porquê: Para visualizar e imaginar os limites de crescimento e os pontos fortes da bioregião em termos de ET e estimular a reflexão.
- > Como: Apresentar o resultado cumulativo do Inquérito ET mostrando um posicionamento excessivo dos resultados como um gráfico radial coletivo, destacando os limites de crescimento e os potenciais pontos fortes presentes na bioregião. Pedir reflexão e insights que as pessoas possam ter ao visualizar o Mapa Radial.
- > O quê: Uma impressão do Gráfico Radial dos resultados acumulados, flipcharts e marcadores.
- > Dicas: escolha diferentes cores para as diferentes iniciativas.

3º. Trocar de Chapéus

- > Porquê: Para criar empatia e alargar as vozes e pontos de vista, acrescentando diversidade e inclusividade ao inquérito.
- > Como: Colocar o nome de diversos actores presentes na biorregião (humanos e outros que não humanos) em pedaços de papel individuais. Escolha um e represente esse papel respondendo a uma questão relevante do ponto de vista do tal ator. (por exemplo: Qual é a minha contribuição e impacto na economia local?)
- > O quê: papel, lista de actores...
- > Dicas: dê tempo para a reflexão; uma conversa em círculo pode ajudar; use a escuta profunda...

“Nomear a Identidade” - Refletir

4º. Pontos Cruciais Bioregionais ET

- > Porquê: Para destacar áreas de impacto potencial futuro e acção coletiva
- > Como: Após reflexão, convidar as pessoas a nomear pontos impulsionadores potenciais num flipchart; ou colocando as diferentes áreas de economia transformativa dos quadrantes ET e pedir que coloquem pontos nas três áreas que teriam mais impacto na região. O destaque coletivo mostraria a prioridade de acção.
- > O quê: Flipchart, marcadores, um gráfico impresso com os 4 quadrantes e as suas respectivas 3 áreas de ação potencial.
- > Dicas: salientar a necessidade de escolher as que teriam mais impacto no contexto atual.

“Co-Design” - Planear

5º. Taça de Ouro Bioregional (Retroprojeção)

- > Porquê: Para delinear caminhos para ativar os pontos impulsionadores identificados para serem alcançados até 2025
- > Como: numa parede coloque uma mesa com 4 colunas, cada uma para cada ano de 2022 a 2025. Peça às pessoas que coloquem o ponto impulsionador (como objetivo) que desejam ver alcançado até 2025 na respectiva coluna. Convidá-los a visualizar e escrever no post-its as ações necessárias por ano para atingir tais objetivos, começando por 2024, seguido de 2023 e finalmente as ações mais próximas para 2022. Afaste-se e reflita sobre as ações presentes.
- > O quê: papel de cenário ou flipcharts, marcadores, post-its, mural (online)...
- > Dicas: convide as pessoas a serem específicas.

6º. Recursos Presentes / Recursos Necessários

- > Porquê: Para celebrar e informar os recursos presentes, e informar e destacar os recursos necessários
- > Como: Colocar dois flipcharts na parede. Um para as pessoas escreverem os recursos já presentes e outro para os recursos que não estão presentes mas que são necessários na biorregião e podem apoiar a implementação das ações propostas. Convidar as pessoas a nomear esses recursos nos respectivos flipcharts.
- > O quê: Flipcharts, marcadores, mural (em linha)
- > Dicas: rever os recursos necessários e ver se estão disponíveis mas desconhecidos para a pessoa que escreveu tais recursos. Por vezes há surpresas.

“Modos de Vida Regenerativos” - Agir

7°. Faça os seus comentários e contactos

- > Porquê: Para colher outros tópicos e comentários relevantes para o contexto.
- > Como: colocar um quadro branco ou flipchart para as pessoas deixarem os seus comentários e os seus contactos para terem um feedback directo, bem como permitir o surgimento de uma rede e conectividade ágeis entre as pessoas com interesses ou desafios de ligação.
- > O quê: quadro branco, flipcharts, papel cenário, marcadores
- > Dicas: Encorajar a expressão artística

8°. Salto de Compromisso

- > Porquê: Para celebrar e comprometer-se com os próximos passos de cada indivíduo, para activar o ponto impulsionador da biorregião
- > Como: de uma plataforma (alta, baixa, escolha) salte para a frente e expresse o seu compromisso. "Comprometo-me a..."
- > O quê: uma plataforma, a sua vontade de o fazer.
- > Dicas: nem todas as pessoas se sentem à vontade para se exporem de uma forma extrovertida, por isso, para os mais tímidos, permitam uma reflexão silenciosa sobre este ponto.

4. As nossas constatações "Regenerativas" e Discussão



4.1. "Criar o Solo"

4.1.1. Inquérito de Economias Transformativas

Sudoeste Algarvio (Portugal)

Depois de identificar iniciativas-chave que tinham trabalho ou interesse relevante no âmbito da transformação do padrão económico na bioregião do Sudoeste Algarvio, o inquérito foi enviado e 12 iniciativas responderam. As diversas iniciativas foram desde moedas alternativas; cooperativas integrais; ONGs no campo do turismo de natureza e das artes; eco-turismo; mercados de agricultores locais; explorações agrícolas biológicas & regenerativas entre outras. Os resultados foram de âmbito diverso e foi desenvolvido um gráfico radial com os respetivos resultados.

Sendo um inquérito que se centra na percepção que um indivíduo ou um colectivo tem da sua própria iniciativa (inquérito qualitativo), os resultados tendem a mostrar uma compreensão mais subjetiva de cada iniciativa. Como instrumento de Investigação-Ação Participativa, o seu objectivo foi o de instigar a conversa e a reflexão no seio das iniciativas, a fim de preparar o terreno para um inquérito mais aprofundado e mais específico com as Entrevistas (canvas).

O feedback ao inquérito criou uma dinâmica de reflexão sobre o tema das economias transformativas, e um impulso às iniciativas para olhar para dentro e identificar padrões transformativos na forma como interagem umas com as outras e com os comuns. Uma sugestão de melhoria que vinha frequentemente era a escala das respostas que, por serem sempre as mesmas e mais gerais, nem sempre se aplicavam facilmente a algumas das perguntas.

Como resultados cumulativos obtivemos um gráfico radial bastante preenchido, embora pudéssemos identificar um pouco mais de capacidade dentro dos quadrantes

superiores (Propósito e Cuidado; Ação Eco-Social), os que mais se relacionam com a camada individual da iniciativa, e uma ligeira margem crescente na camada coletiva (Equidade e Solidariedade; Comunidade e Lugar). Uma razão que refletimos sobre tais resultados foi que a maioria das iniciativas ainda se encontram nos primeiros anos, alguns meses mesmo, de existência, e que isso torna visível que o foco é ainda mais interno. Acreditamos que uma vez mais estabelecidas as iniciativas, o impacto na região coletiva, bem como a criação de uma cultura de economia transformativa, será mais estabelecido.

Hungria

Na Hungria, o inquérito foi preenchido por membros de 9 organizações. Todas elas são organizações de economia de solidariedade social estabelecidas, cooperativas, associações ou empresas sem fins lucrativos. O seu perfil contém: agricultura apoiada pela comunidade, rede de agricultores e praticantes de estilo de vida sustentável, permacultura, ecovilas, facilitadores da rede de Economias de Solidariedade Social (SSE). Quase todos eles são membros activos da rede de ESS húngara. Na maioria dos casos, uma pessoa preencheu de cada organização, mas em 2-3 casos foi levada a uma reunião onde mais membros puderam dar contributos.

Todos acharam que era um questionário muito importante, e expressaram a importância de saber porque é que estamos a fazer este trabalho. Desta forma, aumentou a visibilidade do nosso trabalho e a curiosidade sobre o resultado no nosso grupo alvo.

As pessoas acharam o inquérito em si realmente útil e informativo. Um membro de uma cooperativa local, que trabalha com diferentes comunidades, pediu permissão para utilizar o questionário no seu trabalho, pois gostou muito.

Um feedback recorrente sobre o inquérito foi que algumas questões eram sobre um tópico específico (como o das energias renováveis, e planeia alcançá-lo) o que não é uma questão relevante, por exemplo, no caso de uma comunidade de compras, pelo que o gráfico radial era baixo nessa parte, mas na realidade as comunidades de compras estão a reduzir o consumo de energia. O indicador não cobriu todo o tópico do consumo de energia, o que levou a uma baixa taxa nessa parte. Outro exemplo disso é a gestão de resíduos ou dinheiro local. As comunidades comerciais são demasiado pequenas para criar dinheiro local, mas têm um efeito sobre a economia local de muitas maneiras. Houve também questões subjectivas no questionário, como a ecologia feminista, que é difícil de medir.

Outro feedback foi, que teria sido melhor se mais pessoas o tivessem preenchido a partir da mesma organização, porque em muitos casos a pessoa que o preenchia era demasiado rigorosa na iniciativa. A oportunidade estava lá para cada organização escolher esta opção, mas não a tornámos obrigatória.

Também se uma iniciativa tiver um plano de 1, e um plano de 5 anos, ao lado da visão, e da missão, e se estiverem a verificar, a reflectir sobre ela, ou não. O líder de uma iniciativa tem de tornar possível a reflexão sobre tudo isto de tempos a tempos. Qual é o ecossistema de trabalho?

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

Dois resultados merecem ser partilhados: os resultados do inquérito e a reação territorial ao mesmo. A primeira resposta territorial são as dificuldades encontradas no envolvimento com a ferramenta. Muitas circunstâncias externas dificultaram o envolvimento das pessoas; como organização, Palma Nana tentou recolher aprendizagens: 1. A ferramenta proposta não incorporou uma linguagem acessível ao catalisador envolvido 2. Palma Nana deveria ter o papel de traduzir as ferramentas do consórcio em ferramentas apropriadas ao contexto local.

Foi organizada uma reunião introdutória online antes do lançamento dos inquéritos, envolvendo 9 iniciativas locais no domínio das economias transformativas. Apenas três iniciativas preencheram o inquérito.

Garrotxa (Catalunha)

Os inquéritos foram enviados às iniciativas escolhidas e ao ecossistema cooperativo da XES Garrotxa (50 entidades). 9 iniciativas responderam, a informação foi transferida primeiro para um formulário google e depois para o inquérito no website dos Catalisadores Comunitários.

Aspectos identificados no desenho do inquérito:

O inquérito centrou-se em iniciativas do sistema aninhado 1, ou seja, estruturas de primeiro grau, em que o propósito social é o trabalho. As iniciativas que são redes ou economias comunitárias, tais como Euram ou Iera, e que não têm trabalho dentro das iniciativas, não responderam a perguntas como: "As condições económicas, sociais, o género e condições de género são tidas em conta ao contratar um novo membro ou ao corroborar a sua permanência na iniciativa?"

Houve respostas ao inquérito que foram difíceis de posicionar dentro da escala da resposta progressiva, tais como: Como colaboram, promovem, ou fazem parte de qualquer iniciativa para promover as energias renováveis?". Nestes casos, teria sido útil utilizar uma resposta progressiva com informações mais em linha com a pergunta, ou ter a resposta aberta.

O formato do inquérito foi baseado em indicadores não mensuráveis e qualitativos, e as respostas foram dadas de acordo com a percepção do inquirido, o que implica que os resultados podem ser subjetivos. Por exemplo, enquanto a Administração (DinàmiG) cumpre os regulamentos do Estado, a maioria das respostas dadas foram "Implementadas, recolhendo aprendizagens e melhorias", e as respostas de outras iniciativas variaram consoante aplicavam ou não melhorias proactivas para além da lei, apesar de o aplicarem num formato menos regulamentado.

Síntese Geral

A resposta ao inquérito foi diversa. Em vários casos, serviu o propósito de introduzir o conceito de economias transformativas como um tema unificador entre as diversas iniciativas, bem como de estabelecer o envolvimento com algumas das iniciativas. Dentro

deste campo de ação, a ferramenta de um inquérito com perguntas que vinham de um quadro (académico) mais estruturado, nem sempre estimulou a mesma vontade de envolvimento. Embora tenhamos conseguido recolher algumas informações que foram úteis para uma maior reflexão nas próximas fases do PAR, precisamos de criar modos de inquérito mais interactivos, se quisermos envolver iniciativas que já têm dificuldades com a gestão do seu tempo.

4.1.2. Entrevistas ET (Canvas)

Sudoeste Algarvio (Portugal)

Entrevistamos, com a ajuda do canvas ET, as diferentes iniciativas durante a reunião da Reunião Comunitária numa estação separada exclusivamente dedicada a esse fim. Os diferentes representantes das iniciativas refletiram sobre o impacto que têm no Território, bem como sobre os resultados do inquérito através da análise do gráfico radial com a ajuda de um facilitador. Após a reflexão, o Drive da iniciativa para abordar as economias transformativas foi delineado colaborativamente e cada iniciativa beneficiou da reflexão e tomou o resultado como um documento síntese.

Hungria

Durante as entrevistas introduzimos o canvas num Mural (um serviço de quadro branco cooperativo online), reunimos informações sobre a organização, o seu impacto territorial e depois mergulhámos nos resultados da entrevista. O feedback sobre as entrevistas apresentadas anteriormente foi recolhido nesta parte.

O gráfico radial foi analisado em conjunto com os participantes, recolhendo feedback sobre a sua relevância. Na maioria dos casos sentiram que se enquadrava na sua percepção, mas também houve pontos em que não o consideraram correto. Em alguns casos, o principal campo de atividade da organização obteve os resultados mais fracos. (Por exemplo, uma organização que oferece formação e apoio ativo aos profissionais da permacultura foi realmente baixa na ação eco-social). Estávamos a discutir se isto se devia à ferramenta de medição ou ao facto de estas organizações possuírem o conhecimento mais profundo no seu campo de atividade, estando assim conscientes das perspectivas e das alturas que é possível alcançar.

Foi uma boa auto-reflexão para a maior parte dos participantes perceber os seus próprios pontos fortes, o facto de serem bons em muitos aspetos. A opinião geral era que as ocasiões regulares de auto-reflexão deveriam fazer parte da vida e desenvolvimento das organizações.

Na última parte, veio a formulação do driver. A dificuldade desta tarefa variou em larga escala, alguns participantes formularam quase instantaneamente as frases do driver como se já tivessem um driver (embora não o tivessem feito, conseguiam sintonizar-se com o raciocínio muito facilmente), noutros casos foi um longo e difícil processo de co-criação. De tempos a tempos tentámos dar uma proposta para uma parte específica do driver e isso ajudou a formular as situações complexas e em muitos casos difíceis em algumas frases.

As pessoas consideraram-na realmente útil no seu trabalho posterior, muitas delas levaram o driver a uma reunião na organização para a apresentar aos seus colegas para o aprofundar no desenvolvimento da organização ou na gestão de um conflito ou bloqueio específico que enfrentam. Isto é um impacto positivo direto e mostra o verdadeiro espírito de uma Investigação-Ação Participativa: o próprio facto de participar no processo teve imediatamente um impacto positivo nos participantes, o ato de auto-reflexão aumentou a clareza sobre a sua situação e o novo ponto de vista oferecido através do IAP fomentou novas soluções para avançar.

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

No contexto acima descrito, Palma Nana decidiu tentar encontrar-se com os catalisadores, passar pelo inquérito em conjunto e fazer as entrevistas ao mesmo tempo. No contexto de restrições covid-19 e de condições climáticas severas, não pressionámos a atividade. Muito poucas pessoas estavam a reagir ao nosso estímulo, apenas três preencheram o inquérito e, por isso, realizámos apenas uma entrevista.

Infelizmente, percebemos que a comunicação entre nós e os catalisadores foi interrompida e sentimos que não era apropriado insistir.

Garrotxa (Catalunha)

Foram realizadas 12 entrevistas seguindo os seguintes critérios de diversidade:

- A sua posição sobre o paradigma do desenvolvimento regenerativo
- Sistema aninhado de organização (estrutura de primeiro grau, segundo grau, ou nível de município)
- Papel de catalisador dentro do município

Foram escolhidas 12 iniciativas, que apresentam uma representação regional suficiente para conhecer diferentes vertentes.

Nas entrevistas que se seguiram ao canvas, os inquiridos foram primeiro questionados sobre o impacto territorial, entrando posteriormente numa dimensão mais ecossistémica da situação da iniciativa e das necessidades relativas a um maior desenvolvimento do seu propósito

Síntese Geral

A utilização do canvas deu uma estrutura progressiva à entrevista que lentamente se foi construindo através do driver de cada iniciativa para dar forma a como desejam incorporar economias transformativas na sua cultura. Da análise do impacto real da iniciativa no território, seguido da reflexão sobre os resultados do inquérito ET através do gráfico radial, os entrevistados foram envolvidos num espaço de reflexão que facilitou o enquadramento de um driver para o momento presente da iniciativa no que diz respeito à transformação das narrativas e práticas económicas.



4.2. Integridade da Paisagem

@ Reunião Comunitária

4.2.1. RC_Território de Impacto Bioregional

Sudoeste Algarvio (Portugal)

A Biorregião do Sudoeste Algarvio compreende 3 municípios (Lagos, Vila do Bispo e Aljezur). Ao identificar onde os participantes da Reunião Comunitária e as suas iniciativas têm impacto no território, temos um resultado misto, com alguns participantes a terem impacto em pequenas regiões de vales dentro de uma determinada aldeia, a terem impacto dentro de um município mas não nas regiões vizinhas, regiões trans-municipais como a costa ou as colinas interiores, bem como iniciativas/pessoas que o seu trabalho teve impacto em toda a biorregião. Também identificámos um epicentro de participantes à volta de Lagos. Isto pode ser, porque o encontro foi realizado em Lagos tornando-o mais acessível aos participantes dessa parte da biorregião, também Lagos é a única cidade da biorregião que tem uma população maior, tornando-a um epicentro de ação numa pluralidade de sectores, e que ficou representada nos resultados do território de impacto dos participantes.

Hungria

O evento comunitário foi organizado em formato online utilizando o Zoom e o canvas do Mural que foi iniciado durante as entrevistas, ampliado com novos conteúdos e modelos para cooperação.

Conseguimos cobrir toda a biorregião, que no nosso caso era todo o país, uma vez que não existem tantas iniciativas a nível local, e o país é pequeno. Com base no feedback dos participantes entrevistados, pudemos identificar outras organizações importantes, comunidades que poderiam fazer parte do IAP, por exemplo uma iniciativa importante, o Vale de Krishna (um Centro Cultural Indiano e uma Quinta ecológica na Hungria é uma das maiores e mais antigas ecovilas da Europa).

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

O Parque Montanhoso de Madonie - que faz parte da Rede Europeia de Geoparques - detém mais de 60% da Biodiversidade Mediterrânica. O Parque estende-se desde a costa norte até ao interior da Sicília, onde atinge 1900m acima do nível do mar. O contexto socioeconómico é de um território periférico, marginal e rural. As pobres infra-estruturas estão a contribuir para o fenómeno da migração de pessoas, especialmente jovens, abandonando aldeias e terras. Neste contexto, aqueles que vivem no território estão a transmitir conhecimentos antigos, e a valorizar o território, protegendo a paisagem, produzindo e transformando alimentos em produtos de nicho.

Garrotxa (Catalunha)

O impacto territorial é muito diversificado, já que foram entrevistadas iniciativas de diferentes dimensões e projeções, desde a multinacional Zoetis, até economias comunitárias como a Ecoarxa. A maioria identifica o impacto em geral em toda a Garrotxa.

Síntese Geral

Algumas regiões estão mais delimitadas por fronteiras administrativas que correspondem à identidade das pessoas entrevistadas. Outras regiões estendem-se a mais do que um município, pelo que existe um sentido de identidade diversificado com o impacto na região. Outras áreas são parques naturais que têm os seus próprios limites. E, numa larga escala, algumas regiões compreendem todo o país, uma vez que é o exemplo da Hungria. Visualizar as áreas impactadas pelas iniciativas foi útil em alguns casos, destacando as áreas territoriais que recebem mais atenção do que outras.



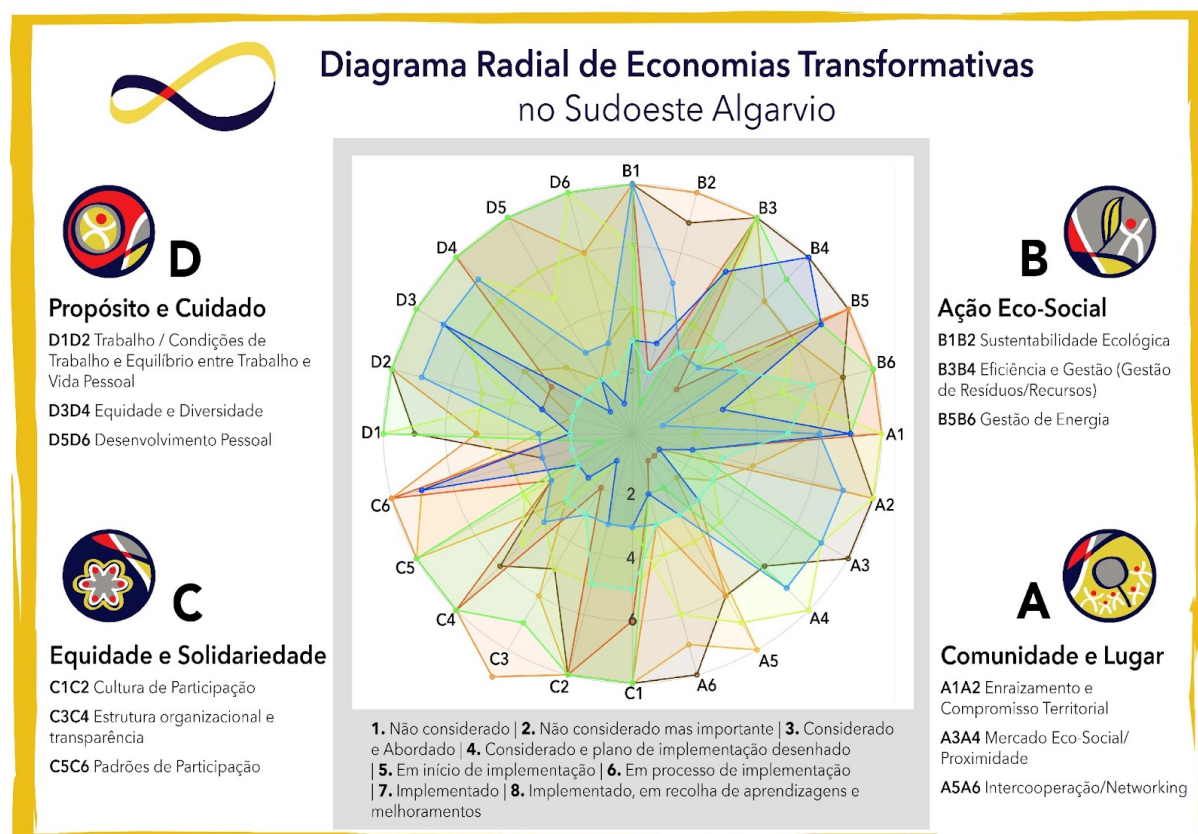
4.3. Co-Sentir

@ Reunião Comunitária

4.3.1. RC_Gráfico Radial Bioregional ET

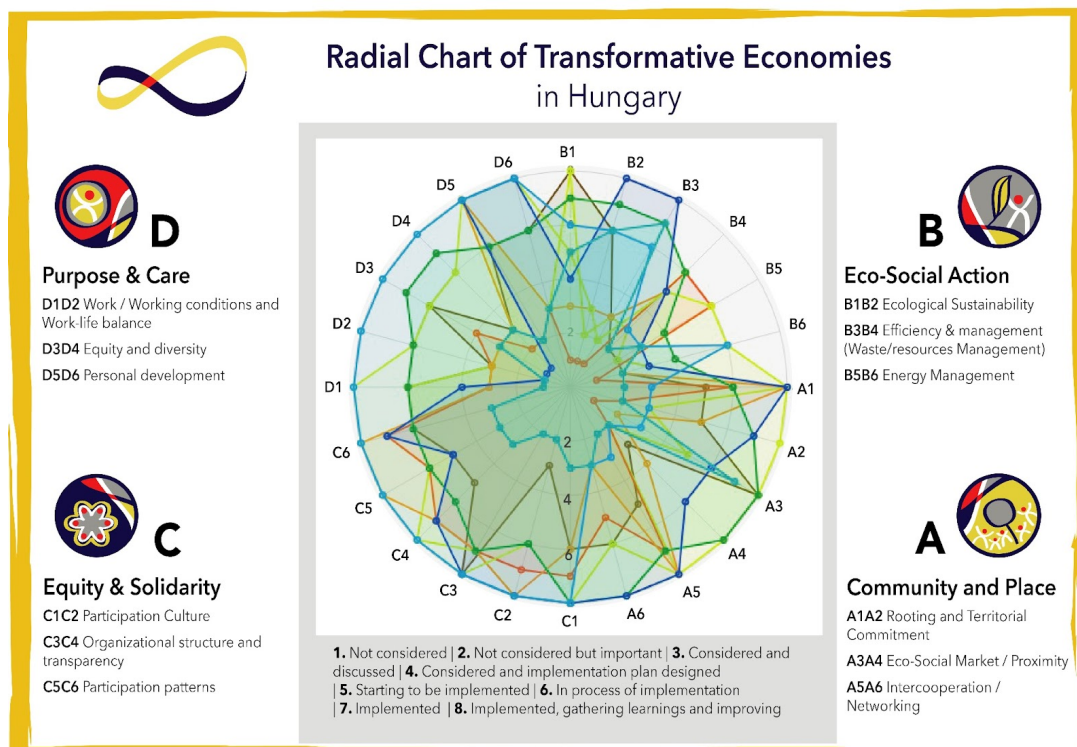
Sudoeste Algarvio (Portugal)

As interações com o gráfico radial colectivo (resultados cumulativos do Inquérito TE), trouxeram uma sensação de consciência partilhada de que dentro da região existe um amplo espectro de capacidade e que as diversas iniciativas poderiam facilmente partilhar entre si os seus pontos fortes e dificuldades, e que as colaborações trans-iniciativas seriam muito apreciadas. Ao mesmo tempo, houve a sensação de que muitas iniciativas são ainda muito recentes, e que para cada tipo de iniciativa não há muitas outras iniciativas semelhantes. Assim, embora a diversidade fosse ampla, a quantidade e qualidade da aprendizagem colectiva é ainda baixa.



Hungria

Depois de cada organização se ter familiarizado com o seu próprio gráfico radial na reunião comunitária, estavam realmente interessados em ver o gráfico radial bioregional. Os pontos fortes e fracos comuns que encontramos no gráfico radial: As 9 iniciativas cobrem quase toda a "flor". Os pontos fracos estão principalmente na independência energética, ou um plano para ela, e na gestão de resíduos; em geral a secção B é a mais fraca, mas com base no feedback, as perguntas eram demasiado gerais/estritas, pelo que estavam a dar números baixos mesmo às perguntas que são o seu principal foco. (Tal como uma comunidade de compras que ficou pobre na gestão de resíduos, entretanto não estão a usar plástico de todo, a ideia principal é comprar localmente, e baixar os resíduos).



Outro resultado importante foi que a cooperação entre as organizações poderia ser reforçada, há muito potencial não utilizado neste domínio. Há muitas questões comuns com as quais os participantes estão a lidar separadamente, eles próprios encontram as soluções. De uma perspectiva mais ampla, a do movimento ET como um todo, isto conta como duplicação de trabalho.

Por outro lado, esta rede de organizações é descentralizada, o que a torna mais resistente. Esta característica é uma força sobre a qual é possível construir. Tais opiniões e entendimentos sobre todo o cenário da ESS, as ET são o resultado de eventos comunitários como a reunião de encerramento do IAP. Estes não estão a emergir quando organizações separadas estão a desenvolver as suas estratégias. Esta foi outra contribuição importante do processo IAP no desenvolvimento da cena húngara da ESS: para além dos benefícios das entrevistas com as organizações separadas, o evento comunitário proporcionou uma auto-reflexão para toda a comunidade húngara de peritos, profissionais e activistas da Economia Transformativa.

Garrotxa (Catalunha)

Na conversa aprofundada, foram feitas cinco perguntas:

A - Qual é o propósito da iniciativa?

O propósito de cada uma das iniciativas é diverso e único, dependendo do seu objeto social e desejo de transformação, no entanto, todas elas nomeiam de forma diferente três padrões com os quais entendem a sua actividade económica:

Rede: a necessidade de trabalhar em rede com o ambiente, de cooperar entre os membros, de criar uma comunidade.

Responsabilidade: Seja de auto-suficiência ou de desenvolvimento local ou profissional, com diferentes perspectivas, todas as iniciativas apelam à co-responsabilidade.

Desenvolvimento social e ambiental positivo: algumas iniciativas referem-se aos ODS, outras ao desenvolvimento socioeconómico, e para outras o objetivo é a transformação social e ambiental tendo em conta os "limites da perversão".

B - Qual é o contexto em que se trabalha para cumprir o propósito? Ou como se cumpre esse propósito?

A maioria dos entrevistados identifica diferentes desafios, que fazem parte do contexto global. Por exemplo, a iniciativa multinacional argumenta que não enfrenta quaisquer desafios para desenvolver o seu propósito. Em vez disso, outras iniciativas identificam desafios tais como a desvalorização dos seus produtos ou serviços, a deslocalização dos pólos de decisão, a acessibilidade aos recursos necessários para desenvolver a sua actividade, entre outros. A DinàmiG argumenta que existe uma estratégia conjunta com uma parceria público-privada, embora as diferentes iniciativas afirmem que esta estratégia, ou as ações que dela derivam, não satisfazem as suas necessidades. As diferentes iniciativas sublinham a necessidade de uma direcção comum e transversal.

C - Que impacto está a ter este propósito?

O impacto destas instituições é diverso, embora a maioria das iniciativas note algum reconhecimento no ambiente, e crescimento quer na sociedade, com um aumento da participação colectiva, quer no aprofundamento da comunidade. Neste sentido, é visível um padrão comum na constituição de redes. No entanto, a maioria das iniciativas coloca-se na queixa, argumentando que os seus impactos acontecem devido a factores externos. Poderíamos colocar a maioria das iniciativas num momento de Reorganização dentro do Ciclo de Resiliência, como uma sensação de incontrolabilidade e uma margem caótica nas iniciativas pode ser percebida.

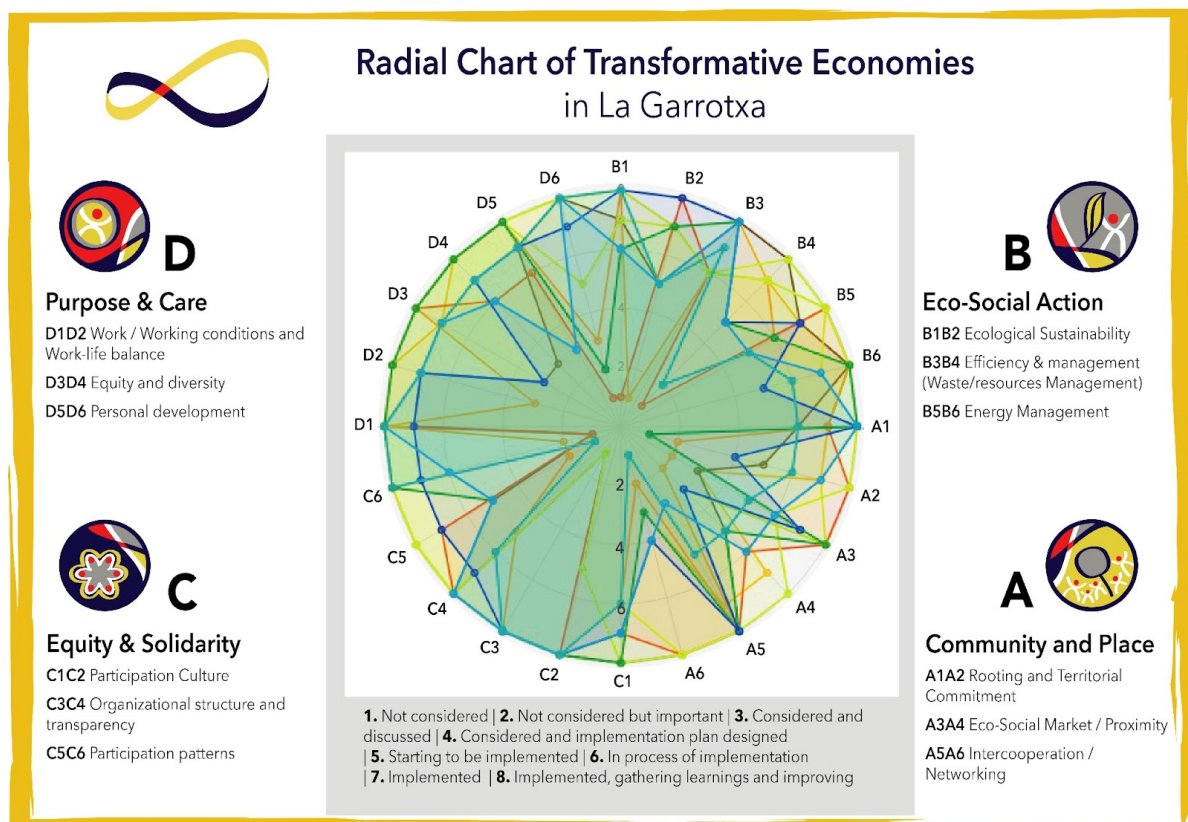
D - De que precisa do ecossistema para desenvolver o propósito com mais agilidade e transformação?

A maioria das iniciativas menciona a necessidade de acesso aos recursos ou de uma

melhor distribuição, seja económica, de acesso à terra, ou mesmo na acessibilidade das infra-estruturas de mobilidade dentro do condado, em comparação com outros condados. Contudo, a maioria das iniciativas apela a uma maior sensibilização, educação, informação e empatia do público. A responsabilidade individual é exigida em diferentes situações. Poder-se-ia dizer que o paradigma do progresso ou da busca do verde no quadro regenerativo é um denominador comum.

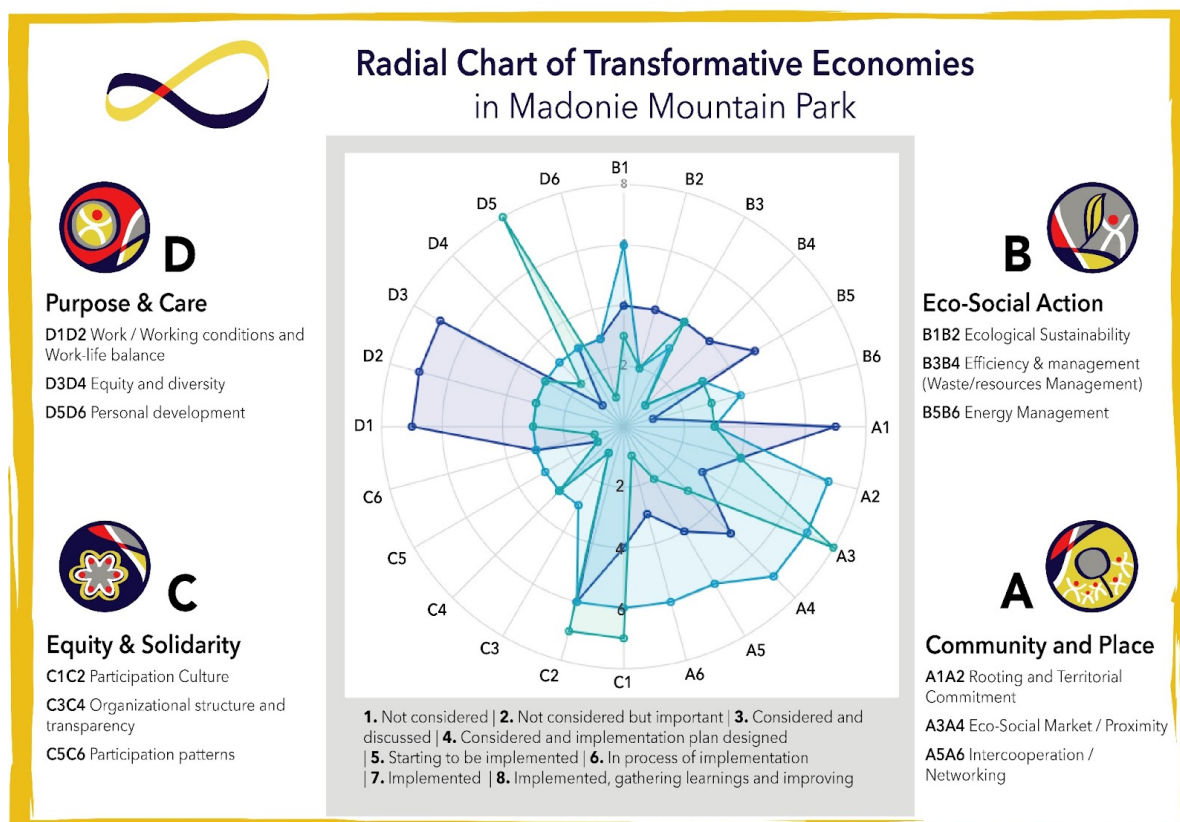
E - O que aconteceria se as suas necessidades fossem satisfeitas?

As iniciativas argumentam que a consciência da população aumentaria. Trata-se de um elemento que tem sido levantado com frequência nas entrevistas. Outro elemento comum é que o trabalho seria enquadrado com uma visão partilhada, que leva em conta a comunidade, e uma mudança nos modelos produtivos e económicos, o que geraria um forte enraizamento no concelho. Também foi dito que haveria mais comunicação, mais facilidade nos processos, e que teria um impacto positivo com mais equidade, tanto social como ambiental.



Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

Com a consciência das dificuldades encontradas na primeira fase do IAP, Palma Nana decidiu não forçar o contexto local: a reunião da comunidade foi cancelada. Os facilitadores da cooperativa passaram pelas estações acordadas para a reunião, a fim de colher os ensinamentos do processo.



Síntese Geral

Onde o gráfico radial cumulativo com os resultados da bioregião nos quatro quadrantes das Economias Transformativas foi utilizado como base de reflexão, vimos que o foco de atenção cresceu a partir da capacidade e das competências de cada iniciativa individual, para um sentido de ação coletiva possível e de conhecimento presente na região. Foram assinalados pontos impulsionadores do crescimento coletivo. E, foi possível conversar e trocar ideias entre as iniciativas. Noutras áreas, a partilha aconteceu em torno da tentativa de encontrar um objetivo comum para a ação, e desencadeou discussões e reflexões sobre prioridades partilhadas pelos participantes. Este exercício de reflexão teve também como objetivo aquecer o campo para uma nomeação focalizada de pontos impulsionadores, numa estação posterior da reunião, que geraria ações exequíveis no futuro no sentido de transformar narrativas e práticas económicas.

4.3.2. RC_Trocar de Chapéus

Sudoeste Algarvio (Portugal)

Foi criado um círculo de cadeiras com a pergunta generativa "Qual é a minha contribuição e impacto na economia local? No meio um conjunto de cartões com o nome de vários atores presentes na bioregião (desportista; sobreiro; artista; município; investigador; agricultor; turista; investidor; associação; polvo; empresário; movimento cívico; escola ou projecto pedagógico; juventude; surfista; javali; pescador; artesão; família; caçador; pessoa da área da saúde) bem como alguns cartões vazios para os participantes adicionarem qualquer ator relevante que não estava presente nos cartões (crianças e curandeiros da nova era foram adicionados aos cartões de ator). Foi pedido aos participantes que se sentassem no círculo, escolhessem um cartão e respondessem à pergunta a partir do ponto de vista do actor e incorporassem verdadeiramente o máximo possível esse actor na conversa. Isto desencadeou conversas muito ricas e permitiu aos participantes dissociarem-se dos seus desejos individuais para a bioregião e criar empatia com outros actores dentro da região. Uma razão para tal exercício foi também alargar a reflexão e despersonalizar a resposta ao analisar a priorização dos pontos impulsionadores para a bioregião como um todo.

Hungria

Esta atividade não funcionou corretamente no nosso evento online. Os participantes não compreenderam o objectivo e ficaram confusos sobre o que tem de ser feito. Isto impediu que muitos deles contribuíssem sequer para a tarefa e aqueles que deram contributos não o fizeram na primeira pessoa - como a instrução dizia, para "usar" esse chapéu - mas na terceira pessoa.

Talvez a causa fosse o formato online, provavelmente num ambiente ao vivo a atividade poderia ter sido concebida para ser mais atrativa e induzir a uma participação real. Outra razão poderia ser que os participantes eram demasiado académicos, demasiado analíticos, excessivamente na cabeça e esta atividade necessitava de outro modo de funcionamento, utilizando diferentes partes da sua personalidade a que não estão habituados.

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

Papéis - e aprendizagens recolhidas

1. Activadores e facilitadores - a linguagem, os espaços e o ritmo do processo têm de ser concebidos a partir das necessidades territoriais
2. Iniciativas PMEs e ET - no contexto socioeconómico das comunidades periféricas, rurais e marginais é difícil encontrar espaços de meta-reflexão, se não for possível ver a relevância local, os resultados tangíveis e a aplicabilidade da proposta a nível territorial
3. Sociedade civil - necessidade de espaços de debate e de crescimento coletivo
4. Juventude - necessidade de prever como os resultados tangíveis do projeto podem

ajudar a construir a sustentabilidade local

5. Município e decisores locais - como podem as ferramentas propostas servir para criar oportunidades de emprego e trazer mudanças a nível local?

Garrotxa (Catalunha)

No contexto do XES Garrotxa, foram identificados diferentes papéis do ecossistema de La Garrotxa: público em geral, aliados, administração, MSMS e associações, PMEs e comércio local, antagonistas (indústria, carne, euras), entidades XES G, Núria Social,

Foi pedido às pessoas que "atuassem" cada papel, e que respondessem à seguinte pergunta: "O que pensa da ESS?"

Os actores personificam XES Garrotxa e respondem à pergunta para cada papel, de modo a compreender como devemos abordá-los neste papel. Tentar fazer disto uma "conversa".

Recolhemos feedback de todos os papéis no quadro:

O que diz cada papel?

Qual é a resposta para o abordar?

Síntese Geral

O alargamento do inquérito com as vozes e perspectivas de outros atores que têm os seus meios de subsistência presentes nas regiões, ajudou a ver para além dos silos de cada setor, e aumentou a empatia com outros presentes no território. Diferentes visões do mundo vivem no lugar, e para que possamos fazer sentido do lugar tal como ele é vivido, precisamos de compreender cada território de uma forma inclusiva e diversificada. Nem sempre é fácil mudar de chapéu com os outros, especialmente com aqueles que pensam de forma diferente de si próprios. Em alguns casos, a encarnação de cada visão do mundo foi experimentada de forma lúdica, noutros casos foi mais difícil ou menos apropriada para o fazer.



4.4. Nomear o Lugar

@ Reunião Comunitária

4.4.1. RC_Pontos Impulsionadores Bioregionais

Sudoeste Algarvio (Portugal)

Para identificar e dar prioridade aos Pontos Impulsionadores mais relevantes da perspectiva das economias transformativas, pedimos aos participantes que votassem (usando dotocracia) quais eram as 3 principais áreas de acção para estimular economias transformadoras na bioregião, os resultados foram os seguintes:

1. (12 pontos) Intercooperação / Trabalho em rede (A5a6)
2. (9 pontos) Sustentabilidade Ecológica (B1b2)
3. (7 pontos) Enraizamento e Compromisso Territorial (A1a2)
4. (6 pontos) Mercado Eco-Social / Proximidade (A3a4) & Eficiência & Gestão (Gestão de Resíduos/Recursos) (B3b4)
5. (5 pontos) Equidade e diversidade (D3d4) & Estrutura organizacional e transparência (C3c4)
6. (3dots) Cultura de participação (C1c2)
7. (2 pontos) Gestão de energia (B5b6) & Desenvolvimento pessoal (D5d6) & Padrões de participação (C5c6)
8. (1dot) Trabalho / Condições de trabalho e equilíbrio trabalho-vida (D1d2)

Curiosamente, estes resultados reforçam a reflexão feita com os resultados do gráfico radial acumulado (inquérito) onde os limites de crescimento da biorregião se situavam mais no quadrante Comunidade e Lugar, com a Intercooperação/Rede a chegar como a mais votada e o Enraizamento e Compromisso Territorial em 3º lugar. Há também um bom número de pontos (votos) sobre Sustentabilidade Ecológica, que identificamos mais com as questões prementes que hoje vivemos globalmente com a crise ecológica e a necessidade de acção eco-social global e local.

Hungria

The group was split into two small groups in breakout rooms, working on separate

sections on the Mural. The groups gathered the leverage points and then we united again in one big group and synthesised the results and created a list of the most relevant leverage points:

- Concentre-se na sua própria área de impacto
- É necessário pensar no ecossistema: os atores são capazes de pensar fora da sua caixa?
- Tornar-se aquele ator do ecossistema que pode formar outros comportamentos, cujos atos são seguidos ou questionados; quem pode ter um efeito sobre a opinião pública
- Desenvolver a desconfiança generalizada em relação ao sistema, ao estabelecimento e transformá-lo (ou desenvolvê-lo) num aumento da confiança na comunidade
- Mostrar bons exemplos
- Sensibilização
- Para aumentar a nossa visibilidade, e a confiança para conosco
- Para nos concentrarmos no nosso próprio âmbito
- Tirar partido da capacidade transformadora de diferentes crises: dar uma resposta às crises económicas, apresentando e popularizando economias alternativas
- Moeda local com juros negativos (as notas contêm a data em que foram lançadas e perdem alguma percentagem do valor todas as semanas - isto encoraja as pessoas a gastar o dinheiro e a não o manter em reserva, o que dá um impulso à economia local)
- Não só estar motivado para fazer as coisas de forma diferente, mas fazê-lo em conjunto com outros
- Em vez de se limitarem a ir com o fluxo e a reagir, as organizações deveriam ser mais focalizadas e estratégicas
- Encontrar onde está a motivação na comunidade e construir sobre ela

Após a reunião do grupo, integrámos os pontos impulsionadores e identificámos os três mais importantes com os quais trabalhar nas próximas etapas. Estes foram:

1. Transformar a crise em transformação
2. Aumentar a visibilidade das alternativas, aumentar a confiança para com elas
3. Ações comunitárias, experienciando-as profundamente

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

Driver: sensibilizar para o potencial transformador dos atores territoriais

1. Pontos Impulsionadores:
2. Amor pela biorregião
3. Paixão e integridade territorial
4. Todos os atores estão enraizados no território
5. Ser reconhecido e legitimado pela macro-comunidade para a qualidade dos processos de produção e transformação dos alimentos
6. As pessoas estão abertas ao crescimento coletivo e sentem uma necessidade partilhada de aumentar o impacto das ações individuais e coletivas

Garrotxa (Catalunha)

Para gerar um diálogo com a comunidade e receber feedback sobre os resultados dos inquéritos e entrevistas, foi necessário realizar duas reuniões entre dois ecossistemas diferentes:

1. XES Garrotxa. A rede de economias solidárias de La Garrotxa engloba 53 entidades com mais de 650 pessoas envolvidas. O seu objectivo é tornar-se uma rede de referência e intersectorial em La Garrotxa com uma economia respeitadora e orientada para a transição eco-social, promovendo as relações inter-cooperativas.
2. Ateneu Cooperatiu Terres Gironines. Organismo público cooperativo com 21 entidades que trabalham para a dinamização, formação e apoio na consolidação e criação da economia social e cooperativa em Girona.

XES Garrotxa

XES Garrotxa sugeriu o objectivo estratégico de gerar um discurso de advocacia e uma história comum com as diferentes entidades. Depois de gerar uma dinâmica de aprofundamento e análise estratégica, foram identificados pontos de influência de impacto que poderiam ser úteis na co-criação do nosso discurso de advocacia. Estes pontos são os seguintes:

1. Antes, nas zonas rurais, já havia um intercâmbio de recursos e uma economia solidária, temos de procurar referências antigas na sabedoria local.
2. Prestar mais atenção à rastreabilidade, por detrás da compra, do que vendemos. O processo de produção e os valores que utilizamos são aqui muito valiosos
3. Não culpe o consumo individual porque gera rejeição, pois é difícil pôr as coisas em movimento. Promover mudanças colectivas ou mais estruturais para tornar a violência estrutural obsoleta
4. Tornarmo-nos visíveis coletivamente, não apenas em projectos individuais, mas como uma rede
5. Precisamos manter-nos em contacto com o comércio local e as PMEs. Apesar de pensarmos que eles devem reciclar-se a si próprios, porque se não o fizerem, muitos desaparecerão, pois atuam apenas como distribuidores, precisamos de manter a relação viva. Eles podem vender-nos. Precisamos também de encontrar pontes de lutas comuns, tais como preços de aluguer elevados.
6. Outro ponto importante no nosso discurso é que o trabalho que fazemos a partir das nossas próprias iniciativas é uma reflexão e uma estratégia para responder aos desafios eco-sociais. Não temos de enfrentar o mmss ("tenho muitos de vós em mim", "temos o mesmo propósito")
7. Uma estratégia emergente é a de abraçar iniciativas de solidariedade e economia comunitária. Acolher a diversidade das economias, e romper com a ideia paradigmática de público e privado, para que surja um paradigma mais

comunitário, cooperativo e associativo, onde haja mais dinâmicas comunitárias e solidárias.

8. Para fazer referência que somos isto, que estamos em solidariedade, que apoiamos iniciativas que subvertem a precariedade.
9. Para o discurso, devemos referir-nos em termos de CO2, dados sobre as externalidades geradas pelas iniciativas. E aqui, podemos elevar o valor do nosso discurso. Precisamos de dados.
10. Precisamos de ter uma voz com propósito, uma voz de defesa para que eles nos vejam.

Ateneu Cooperatiu Terres Gironines

1. Com o Ateneu Cooperatiu Terres Gironines, através da Comissão de Diagnóstico e Intercooperação, foi proposto o seguinte plano de trabalho:
 - Para apoiar os ecossistemas cooperativos que estão a emergir nos condados de Girona
 - Identificar pontos estratégicos locais e regionais
 - Aprofundar as relações e a coordenação entre os condados
 - Apoio na estruturação de redes locais
2. Codesign de um Observatório Comunitário
 - Recolha de dados e indicadores
 - Avaliação, análise e geração de conhecimento
3. Amplificação de recursos
 - Estratégias de financiamento
 - Apoiar as comunidades ESS
 - Estratégias público-cooperativas para influenciar o modelo económico

Síntese Geral

As prioridades podem ser diferentes para cada região, mas no entanto identificámos alguns padrões que vale a pena ter em conta:

- Enraizamento e Compromisso Territorial tem sido mencionado frequentemente com um sentido de fundação, amor e paixão pela biorregião, o trabalho sobre o sentido de integridade territorial com a sua antiga sabedoria local e enraizamento no território.
- Trabalhar na Intercooperação e Trabalho em Rede; através de ações comunitárias; apoiar ecossistemas cooperativos; promover mudanças estruturais coletivas que tornam a violência sistémica obsoleta; trocar recursos através da solidariedade; criar observatórios biorregionais.
- Tornar a crise em transformação; Amplificar meios de subsistência alternativos viáveis que conduzam à regeneração eco-social.



4.5. Co-Design

@ Reunião Comunitária

4.5.1. RC_Taça de Ouro Bioregional 2025 (Retroprojeção)

Sudoeste Algarvio (Portugal)

Resultado por Temas:

A. Cidadania participativa

- a. 2022 - ativar pontos de encontro sectoriais para estimular a dinâmica municipal; pressão dos cidadãos para a inclusão na tomada de decisões.
- b. 2023- realizar workshops e eventos "WeLand -Dar Sentido ao Lugar" com diferentes iniciativas e start-ups; criar fóruns de cidadãos que promovam a participação popular; agricultores e decisores locais têm mecanismos de partilha horizontal e co-criação; coletivos estimulam intervenções regenerativas para ligar cidadãos e decisores políticos.
- c. 2024- as instituições públicas compreendem e valorizam o trabalho das iniciativas e pontes locais são estabelecidas; as técnicas de participação popular são consolidadas; são criados fóruns comunitários biorregionais.
- d. 2025- os cidadãos e as organizações públicas são ativos na governança participativa através de processos claros de tomada de decisão coletiva em plataformas abertas partilhadas.
- e.

B. Ecologia e soberania alimentar

- a. 2022 - cartografar as florestas nativas e os ecossistemas existentes; os produtos locais estão presentes e são apreciados; promover a produção alimentar biológica bioregional; organizar pontes entre os agricultores locais.
- b. 2023- criar legislação para proteger as florestas nativas e sensibilizar o público para a sua importância como ecossistemas valiosos; apoio e formação para agricultores biológicos; angariação de fundos para a agricultura biológica; a produção local faz a diferença na regeneração da economia local; aumentar o valor da produção local em cantinas públicas; os municípios reconhecem o valor da produção local biológica; implementar e expandir na comunidade local ou nos sistemas domésticos a compostagem.
- c. 2024- ligar as cantinas públicas à produção local através de um sistema alimentar local participativo; os municípios apoiam os produtores biológicos e locais com incentivos, mercados, ligações entre produtor/consumidor;

- d. 2025- soberania alimentar baseada na produção local biológica; criar uma bioregião orgânica; proteger as florestas nativas; reduzir a pegada ecológica da região.

C. Economias partilhadas

- a. 2022 - apoiar iniciativas que já estão a fazer um bom trabalho no terreno; criar uma plataforma para iniciativas culturais locais; estimular o ecossistema empresarial local através da economia circular; criar sistemas de comunicação comunitários; inquérito sobre necessidades e bens presentes na biorregião; criar um colectivo de ferramentas para partilhar ferramentas entre a comunidade; iniciativas de protótipos com metodologias alternativas (WeLand - Dar Sentido ao Lugar; Catalisadores Comunitários para Economias Transformativas); são criadas sinergias entre diferentes iniciativas locais para aplicar o Weland na região.
- b. 2023- captação de investimento para unidades coletivas de processamento alimentar; reconhecimento de recursos ou competências comunitárias existentes; ligação com iniciativas de economia regenerativa e circular; criação de iniciativas circulares micro-económicas baseadas na solidariedade e valores ecológicos; espaços de encontro para partilha de competências e recursos; reforço da transparência e horizontalidade dentro de redes e organizações; workshops e eventos práticos.
- c. 2024- criar espaços visíveis e acessíveis para tal; partilhar tarefas; criar regulamentos e formação; promover o trabalho em rede e a solidariedade.
- d. 2025- autonomia regional através da partilha e da economia circular.

D. Habitação e acesso à terra

- a. 2022 - criar sistemas regenerativos de gestão da terra para assegurar a redistribuição da terra e da riqueza; juntar fundos para comprar tanta terra quanto possível para regenerar.
- b. 2023- criar um quadro legal para a construção ecológica. Conseguir mais membros e financiadores para as Land Trusts; aceder à terra para regenerar.
- c. 2024- facilitar os regulamentos sobre eco-construções naturais. Criar aldeias e quintas regenerativas; regenerar o solo através de Land Trusts.
- d. 2025- Land Trusts Comunitárias estão presentes e habitação acessível

E. Educação

- a. 2022 - colaborar para criar modelos alternativos de educação local e global que promovam a ética; conceber em parceria com escolas públicas locais projetos-piloto de inclusão de alternativas nos sistemas públicos.
- b. 2023- colaborar com as escolas para sensibilizar e identificar necessidades.
- c. 2024- continuar a extensa investigação sobre modelos educativos alternativos, analisar os resultados e adaptar-se; integrar estas práticas em bolsas de estudo, estágios, cursos profissionais e programas escolares.
- d. 2025- existe uma ligação activa entre as instituições educativas públicas e as iniciativas privadas locais visando a transição, cooperação, envolvimento cívico e participação. Especialmente ao nível do ensino secundário.

Hungria

We had the opportunity do develop two of the leverage points:

A. Tornar a crise em transformação

- a. 2022 - Formação em massa, preparando pessoas para a transformação; Ligar pessoas que já estão ativas e encorajando-as para novas ações; Base de conhecimentos sobre desenvolvimento organizacional; Novos canais de comunicação.
- b. 2023 - Condições de distribuição equitativas; Desenvolver uma base de conhecimentos sobre a construção de um movimento local.
- c. 2024 - Aumento do número e da visibilidade das comunidades que funcionam de forma diferente na economia; É estabelecido um sistema político que considera os diferentes atores como iguais; É dada uma atenção significativa à transformação de crises em transformação, é desenvolvido um movimento de massas sobre o mesmo.
- d. 2025 - Uma iniciativa económica não relacionada com a corrente dominante foi iniciada em todos os municípios húngaros; A crise tornou-se transformação; As iniciativas funcionam em rede.

A. Aumentar a visibilidade das alternativas

- a. 2022 - Ajudar a encontrar os pontos de ligação para todos - mesmo que não sejamos nós; Voltar a nossa atenção para o nosso âmbito de influência, o que diminui a ansiedade e alarga o próprio âmbito; Como transformar a tensão em ação.
- b. 2023 - Fornecer alimentos de fontes de ASC a 6000 pessoas em torno de Nyíregyháza; Criar 300 comunidades comerciais; As comunidades comerciais trabalham em rede.
- c. 2024 - Banco comunitário baseado nos princípios e concepção do CIC catalão; Sistema de formação a nível nacional de conhecimentos orgânicos, biodinâmicos e de permacultura; Sistema de construção de casas comunitárias; Sistema de contabilidade comunitária.
- d. 2025 - Um grande sucesso - como um banco ou um projeto de construção de uma casa - baseado em abordagens económicas comunitárias é implementado com sucesso; Aumentar a visibilidade mas não se tornar demasiado grande - mantendo-se sob o radar do estabelecimento; As pessoas sabem da existência de uma verdadeira alternativa à abordagem económica dominante.

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

- A. Fazer parte de uma comunidade de catalisadores estruturada e autónoma em relação aos inputs de Palma Nana
- B. Colocar os conhecimentos de Palma Nana ao serviço do território e das necessidades dos catalisadores.
- C. Propôr ferramentas e propostas adequadas para abrir as portas à colaboração
- D. Desenvolver uma estratégia catalisadora comunitária a nível local
- E. Divulgar o conceito bioregional a todas as escalas: organizacional, comunitária e municipal
- F. Criar percursos de aprendizagem orientados para as diferentes escalas e alvos: produtores, administradores locais, jovens e jovens trabalhadores, detentores de conhecimentos e cultura

Garrotxa (Catalunha)

Foram então tomadas várias ações para amplificar a história e gerar discurso, e foram propostas diferentes lideranças para a fazer avançar.

- A. Realizar um diagnóstico-registo ou inquérito às entidades membros do XES Garrotxa para descobrir o estatuto das diferentes entidades. Este será ligado ao grupo XES em digressão.

Quem? Joan Nasplada. Ligar com o XES em digressão: Alba

- B. Promover campanhas/posters para tornar a história visível para o público em geral.

Quem? Georgina e Alex.

- C. Estudar estratégias que façam a história penetrar em diferentes lugares e públicos estratégicos

Quem? Laura.

- D. Escrever artigos e enviá-los para jornais e revistas locais?

A quem? Laura, com o apoio de Joan

- E. Alba apoia as diferentes ações, especialmente ligando o grupo de trabalho do XES em digressão e Incidence-Story.

Quando? Primavera de 2022

Síntese Geral

Ao aplicar um processo orientado para a ação, delineando objetivos realizáveis para um futuro próximo como 2025, as pessoas envolvidas puderam apropriar-se dos seus passos acionáveis, bem como colaborar com outros para uma intenção coletiva. As etapas entre 2022 e 2024 tinham como objectivo transformar um propósito maior, como o de 2025, em acções mais pequenas (ou realizáveis) digeríveis que as pessoas pudessem

participar na co-criação de forma autónoma. Em alguns casos, até mesmo indivíduos foram atribuídos a tarefas específicas. Noutros casos, as contribuições foram agrupadas por temas que visam estimular parcerias sinérgicas nos seguintes momentos de interação dentro da bioregião. Ao nomear estas correntes coletivas de intenção, foi posto em marcha um fluxo e um movimento no sentido de mudar as narrativas económicas, ou, em alguns casos, clarificar e identificar o movimento já presente no território.

4.5.2. RC_Recursos Presentes/Recursos Necessários

Southwest Algarve (Portugal)

Recursos Presentes:

- ONGs ambientais e de protecção da natureza
- Legislação ambiental (embora nem sempre aplicada)
- Dados sobre os ecossistemas existentes
- Terra
- Vontade de mudar
- Investimento que pode ser cativado
- Conhecimento e capacidade para facilitar os processos participativos
- Conhecimentos antigos e modernos sobre agricultura e processamento de recursos endógenos
- Terrenos para venda (land trusts)
- Pessoas para se juntarem e criarem land trusts
- Bons modelos e experiências regenerativas (locais e globais)
- Terra; mãos; braços; cérebros; corações; inteligência política; capacidade estratégica
- Dinâmicas regenerativas e colectivos; VivoMercado; CooperativaDaTerra; competências de facilitação; cidadãos diversos e massa crítica; relação entre coletivos e iniciativas
- Diversas oportunidades de financiamento para estimular e apoiar mais práticas regenerativas/ecológicas.
- Fundação Terra Agora
- DL 92/2019, 10 Jul; ENCNB 2030; Resolução Conselho de Ministros n.55/2018 (conservação da Natureza e Biodiversidade)
- Info-rede/troca de competências: grupos de Telegram para organizar workshops
- Workshops sobre práticas regenerativas
- Vizinhos
- Mastermind; Orla; território criativo; empresas locais; start-ups

Recursos Necessários:

- Sensibilização para a importância do Ambiente, biodiversidade, solos e florestas, para a economia local.
- Implementação da legislação apropriada
- Criar zonas de protecção
- Criar empregos em áreas ligadas à silvicultura e à agricultura regenerativa.
- Tempo; Água; Chuva; Sustentação
- Financiamento; pessoas dedicadas; terras e licenças (Terrenos e licenças)

- Mais informações, facilitação de processos, aconselhamento para aceder a fundos e recursos que apoiam uma gestão consciente da paisagem e dos recursos naturais; redes de recursos para pequenos e médios produtores e proprietários de terras
- Linguagem regenerativa e de resiliência mais acessível e compreensível (adaptada aos atores-chave)
- Recursos locais e cadeias de valor e empoderamento dos residentes
- Pontes entre os actores-chave presentes no território; "Tertúlias" e momentos de co-criação
- Financiamento de estratégias de partilha de riqueza (por exemplo, UBI Universal Basic Income EU; programas de habitação/propriedade partilhada - especialmente para idosos); lei PT n.83/2019, 3 SET (bilingue/pdf)
- Ferramentas de comunicação e de tomada de decisão
- Espaço central (ou muitos) de fácil acesso
- Pessoas qualificadas e abertas à partilha;
- Financiamento; oportunidades de financiamento europeu
- Promoção de eventos periódicos para co-criação, dinamizar o movimento de catalisadores de transição

Hungria

Recursos Presentes:

- Redes, movimentos, grupos
- Conhecimento
- A crise em si
- Vontade de compreender o outro
- Resultados mensuráveis e comunicáveis

Recursos Necessários:

- Reconciliação e harmonização de visões, conceitos, linguagem
- Colocar casos simbólicos, pessoas, exemplos na ribalta
- Todos devem comunicar mensagens comuns, coerentes e harmonizadas nos seus próprios canais
- Confiança e capacitação para tornar as próprias causas comuns
- Expansão do círculo
- Maior enfoque nas redes
- Visibilidade dos resultados

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

Recursos Presentes:

- os produtores do território realizam atividades de excelência e preservam um conhecimento precioso e muitas vezes antigo
- os pequenos municípios que fazem parte da biorregião são acessíveis e abertos ao diálogo

- o território tem um grande potencial: os recursos naturais são abundantes, muitos turistas visitam o território

Recursos Necessários:

- infra-estruturas: não há um sistema de infra-estruturas de apoio (estradas, transportes públicos) (por exemplo, não há ligação de transportes internos entre aldeias)
- coesão territorial: os momentos de coesão são raros. Geralmente as aldeias do parque possuem uma forte identidade da própria aldeia, mais do que a biorregião ou a colaboração com outras aldeias.
- caminhos de aprendizagem para os jovens, para dar a oportunidade de imagem e construir um futuro sobre os recursos territoriais. O acesso à educação é um tema: as escolas estão a fechar devido à falta de estudantes; a educação de adultos realiza-se apenas nas cidades.

Garrotxa (Catalunha)

- Escrever artigos
- Encontrar o caminho para que uma pessoa de XES Garrotxa seja liberta
- Ser mais forte, mais solvente e gerar mais cooperação

Síntese Geral

Dentro deste exercício, foi dada visibilidade aos recursos que diferentes participantes viram estar presentes na biorregião, bem como aos que ainda eram necessários, para poderem alcançar os objectivos e acções que identificaram na estação de backcasting anterior. Em alguns casos, houve ligações correspondentes entre os recursos que foram percebidos como necessários e os que estavam presentes. Ao investigar colectivamente as possibilidades, diferentes pessoas poderiam deter informações que não eram acessíveis ou conhecidas por outros, catalisando assim a partilha de informação entre os participantes.



4.6. Modos de Vida Regenerativos

@ Reunião Comunitária

4.6.1. RC_Faça os seus comentários e contacto

(apenas relevante localmente)

4.6.2. RC_Salto de Compromisso

Sudoeste Algarvio (Portugal)

A reunião comunitária participativa terminou com um lugar para os participantes firmarem o seu compromisso. O objetivo era trazer alguma celebração final, e traçar os próximos passos a nível individual e um compromisso para uma ação transformadora dentro da bioregião. Tivemos uma participação mista, alguns realmente aproveitaram o momento para interiorizar o seu compromisso saltando e gritando as suas afirmações, outros sentiram-se tímidos ou que não era tão relevante e passaram pela estação reconhecendo-a mas sempre com a opção de não se envolverem, o que alguns participantes apreciaram.

Hungria

Na versão online não foi um salto, mas as pessoas assumiram alguns compromissos:

- Envolvimento de novos voluntários através de lojas de caridade
- Amplificar histórias positivas sobre diferentes iniciativas
- Início de uma iniciativa sobre o tema do âmbito de influência e autonomia
- Cooperação na iniciativa do banco comunitário
- Ajuda na comunicação, aumentando a visibilidade
- Destilar o conhecimento das dificuldades, bloqueios, obstáculos
- Fornecendo estes métodos, conceitos como contributos para a próxima reunião da rede de organizações de ESS

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

Este exercício não era aplicável ao formato utilizado localmente para este IAP.

Garrotxa (Catalunya)

Este exercício não era aplicável ao formato utilizado localmente para este IAP.

Síntese Geral

Onde foi manifestado e celebrado um compromisso, os participantes partiram com um sentido de celebração e também com a responsabilidade de encaminhar a própria ação uma vez que saíram da reunião comunitária. Esperamos que isto conduza a uma ação autónoma mais descentralizada e à emergência de mudanças locais dentro do campo das economias transformativas.



4.7. #SÍNTESE GERAL#

Sudoeste Algarvio (Portugal)

Dentro desta bioregião, as iniciativas estão dispostas a desenvolver o impacto coletivo através de momentos e ferramentas práticas que já criaram alguma mudança e colaboração a nível local. Muitas iniciativas conhecem-se mutuamente, mas nem sempre têm a oportunidade de convergir para criar algo em conjunto. Este processo IAP contribuiu para estimular um desses momentos de convergência. Ao construir sobre o anterior conjunto de ferramentas para Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo com o processo de design regenerativo "WeLand - Dar Sentido ao Lugar", que algumas das iniciativas (pelo menos as ativas na frente ecológica) tinham já sido introduzidas no projeto anterior, foram capazes de reiterar, utilizar e ser formados em tal conjunto de ferramentas, desta vez adaptadas a um quadro PAR dentro de um contexto de Economias Transformativas.

Para as iniciativas que foram entrevistadas, a auto-reflexão que o inquérito estimulou, tanto com a sondagem como com a entrevista em Tela, produziu insights e instigou conversas dentro das iniciativas, bem como com outras iniciativas sobre potenciais áreas de crescimento ou oportunidades de partilha de capacidades.

Para o movimento local como um todo dentro desta biorregião, o evento convergiu vozes e momentos de partilha entre os participantes. Realizado por um processo de reunião comunitária participativa em que foi estimulada uma ação coletiva auto-organizada e acionável, os participantes fizeram das suas vozes e sugestões parte de uma discussão mais alargada. Uma que visava ações descentralizadas - passos que cada um dos participantes foi convidado a adoptar e a levar para a sua ação diária dentro dos seus modos de vida e ação na biorregião. Mais momentos como este foram solicitados, formação e outras possibilidades locais de partilha de competências e sinergias estão agora a ser seguidos e continuarão a ser estimulados durante o resto do projeto.

Hungria

Os participantes como membros ativos da economia de solidariedade social estão

envolvidos em muitas atividades: trabalhar na missão da sua organização, desenvolver planos, criar, sintetizar e adaptar os fundamentos teóricos e a implementação de tudo isto. Há falta de recursos humanos a todos os níveis, é ainda uma pequena minoria que acredita nas actividades económicas alternativas, negócio que muito baseia a sua própria subsistência nelas. Nas zonas rurais, a situação é ainda pior com uma migração significativa para as zonas urbanas, especialmente entre os jovens.

A visibilidade desta área não é suficiente, para o cidadão médio não parece haver uma verdadeira alternativa à economia de mercado orientada para o lucro, a abordagem consumista. As cooperativas e outras formações económicas alternativas de base comunitária infelizmente ainda têm uma conotação negativa que tem origem na era socialista onde estes conceitos eram mal utilizados com a falsa mensagem deles a ser realizada. Embora a essência das cooperativas não estivesse presente - forçando as pessoas a entrar nelas, tornando impossível a propriedade privada da terra e não lhes deixando qualquer autonomia pelo partido centralizado do Estado - foi utilizado o nome "cooperativa", o que leva à concepção errada de que esta abordagem já tinha sido experimentada na história do país e provou estar errada.

A comunidade ou os participantes sentiram que as questões levantadas pelo IAP eram realmente importantes. Eles sentiram que esta comunidade de profissionais deveria reforçar o pensamento ecossistémico para aumentar a eficiência, encontrar mais sinergias e tornar-se um factor importante.

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

Tem sido muito estimulante refletir sobre os temas, tanto como facilitadores como com as pessoas envolvidas. Tem sido uma pena que o formato que propusemos não tenha sido considerado exato para o contexto. Uma reflexão mais profunda - tanto a nível do consórcio como a nível local - sobre as ferramentas utilizadas, e sobre a forma como foram entregues, teria ajudado o processo

Garrotxa (Catalunha)

Em La garrotxa, já temos uma organização formal que inclui mais de sessenta organizações que trabalham no âmbito da economia social e solidária. Resilience Earth é o dinamizador desta organização e detém a residência neste momento. Esta organização é chamada Xarxa per l'Economia Social i Solidària de la Garrotxa (XES-Garrotxa), a sua tradução para inglês é The Garrotxa Social and Solidarity Economy Network. O IAP foi um grande momento para nos reunirmos e nos interrogarmos sobre as diferenças que esta rede mantém em relação ao resto das organizações económicas da região. Para podermos perceber que valor trazemos e quais as capacidades que precisamos de melhorar.

Os participantes valorizam realmente a iniciativa dos catalisadores comunitários, para poderem continuar a aprender e relacionar-se numa perspectiva transrural, gerar um diálogo com diferentes regiões que partilham desafios e que estão dispostas a gerar reciprocidade.

Síntese Geral

Embora a IAP tenha funcionado de forma diferente nas quatro regiões, para o Consórcio e este projeto em particular este processo IAP destacou a necessidade tanto de um Kit de Ferramentas autónomo, de fonte aberta e interativo que possa ser como um organismo vivo a adaptar-se às necessidades e contextos de diferentes biorregiões e à diversidade daqueles que o utilizam; assim como a necessidade de uma Comunidade de Prática que possa partilhar aprendizagens através de uma Plataforma Online viva com possíveis fóruns locais e globais e possíveis currículos para aprender a utilizar o Kit de Ferramentas.

4.8. Feedback do Processo

(qual foi o impacto deste IAP na sua comunidade)

Sudoeste Algarvio (Portugal)

Para as diferentes iniciativas que participaram neste IAP havia um sentimento comum de que mais destes momentos eram necessários dentro da biorregião para se conseguir atingir massa crítica e impacto na transformação da economia local com os seus múltiplos desafios. Os participantes apreciaram que os resultados do projeto anterior foram utilizados desta vez para orientar e conceber este IAP de modo a que os que estavam anteriormente envolvidos pudessem praticar tais processos, bem como, vê-los em ação dentro de um contexto diferente.

O objetivo de formação contínua, processos participativos e parcerias de colaboração foi expresso durante o IAP e várias ligações foram feitas e postas em marcha de modo a torná-los realidade num futuro próximo.

Para o consórcio Catalisadores Comunitários, este IAP ofereceu uma visão sobre a necessidade de uma partilha ágil de ferramentas práticas, bem como uma plataforma para uma comunicação e formação facilmente descentralizada.

Hungria

O IAP teve um papel importante na Hungria ao proporcionar uma ocasião para os profissionais da ESS terem um momento de auto-reflexão, para aprenderem e ter discussões orientadas para a eficácia e o sucesso sobre a visão partilhada.

Embora o feedback geral sobre o inquérito fosse sobre a sua dificuldade e os conhecimentos e esforços necessários para o preencher, alguns participantes consideraram-no realmente útil no seu trabalho. Uma participante pediu permissão para o utilizar na formação que está a realizar para alargar o horizonte dos formandos.

Os drivers abordaram questões realmente importantes, quer na vida das organizações quer no desenvolvimento do campo da economia solidária na Hungria. Quase todos os participantes nos informaram que irão trabalhar mais com ela, trazendo-a para a organização para tirar partido da mesma. Desta forma, o IAP teve um efeito positivo directo no desenvolvimento organizacional das organizações dos participantes.

Parque Montanhoso de Madonie (Sicília)

O instrumento (questionário) provou estar longe das atividades quotidianas e da realidade da experiência vivida; numa escala demasiado abstrata, os participantes têm uma consciência profunda mas estão também muito empenhados na sua dinâmica de subsistência diária num contexto sócio-económico historicamente complexo e delicado. Isto pode ter contribuído para as dificuldades encontradas, e para compreender a dimensão transformadora e social do processo em curso, a nível individual e territorial, comunitário.

Espaço e Tempo: O projeto Catalisadores Comunitários propõe uma escala europeia para desencadear processos de mudança. Os processos de mudança a nível local são percebidos a uma escala limitada ao próprio projeto. Os projetos locais esgotam as suas energias na realização da vida quotidiana e do trabalho de subsistência. Não há mais energia para uma meta-reflexão.

As organizações locais (Palma Nana) deveriam traduzir os conceitos e quadros Catalisadores Comunitários na concretude das realidades territoriais. Não o conseguimos fazer de forma convincente, passando a relevância da proposta abstracta para as actividades práticas dos participantes.

Garrotxa (Catalunha)

Para a XES Garrotxa, o IAP representou um exercício de abertura dos olhos, onde puderam ter alguma perspectiva do trabalho diário e perceber que o que estamos a fazer vai além de sobreviver, e é uma necessidade partilhada entre muitas outras organizações rurais na Europa e em todo o mundo.

Poderam também compreender que há muita investigação e propostas em torno deste tipo de economia e de como continuar a evoluir novas formas de economia que são tanto transformadoras como regenerativas.

Para a XES Garrotxa, a plataforma que estamos a propor e a desenvolver com o feedback deste IAP, seria realmente bem-vinda e foi valorizada como útil para melhorar a eficácia e tornar o processo de evolução da economia menos desafiador e mais cuidadoso para as pessoas envolvidas.

O nosso resultado é que esta iniciativa traz grande valor, e que precisamos de a tornar tão ágil e acessível quanto possível para as pessoas que trabalham em projectos locais muito laboriosos, para que possam participar e ganhar o seu valor.

Síntese Geral

Todas as regiões expressaram o desejo de continuação e de novas iterações de processos participativos semelhantes e ainda mais adaptados que possam proporcionar as competências regenerativas, os momentos de convergência e as plataformas de comunicação descentralizadas. Neste sentido, foi destacada uma plataforma viva onde as iniciativas locais podem trocar conhecimentos e oportunidades, como forma de estimular parcerias sinérgicas autónomas e ações relevantes.

5. Recomendações e Implicações

Depois de gerir este IAP nas quatro bioregiões rurais periféricas europeias, estamos agora mais informados sobre certos padrões que podem impulsionar transformações económicas adicionais dentro dessas regiões. Padrões tais como:

Plataformas descentralizadas de partilha de instrumentos e processos que podem estar vivos com contribuições vindas do terreno, poderiam facilmente conferir autonomia local e experimentação, bem como oportunidades de aprendizagem coletiva. O que funcionou, o que não funcionou, etc...

Proporcionar processos de aprendizagem onde o inquérito em torno de diversos modos de Economia Transformativa pode ser explorado e adaptado a diferentes fases de desenvolvimento de uma iniciativa ou de uma bioregião.

Reforçando a integridade baseada no Lugar de cada paisagem e comunidade, não promovendo modelos prontos a implementar cegamente, mas sim diversos padrões acionáveis que podem ser facilmente escolhidos de acordo com as características e expressão momentânea de cada Genius Loci (Lugar).

Flexibilidade, cultura de fonte aberta, aprendizagem coletiva, interconectividade...

Também, dentro de cada biorregião, os movimentos das Economias Transformativas tiveram a oportunidade e o pretexto de se reunirem e co-criarem possíveis planos de ação para os próximos 4 anos. Assim como uma convergência que visa alimentar a dinâmica para que tais iniciativas entrem em parcerias sinérgicas a nível local. Consciente de que uma convergência única não faz o fluxo pulsante para gerar uma ação regenerativa consistente, este IAP visava, pelo menos, provocar um impulso em cada movimento local para brotar vida e desenvolver a resiliência local, investindo na construção de relações entre iniciativas e actores locais.

Muitas aprendizagens vieram também sobre como fazer as coisas de forma diferente, e sobre como adaptar os instrumentos aos contextos locais. Manter as coisas menos académicas, e mais fáceis de utilizar, pode estimular um envolvimento mais fácil, especialmente nos momentos iniciais de interação entre iniciativas e atores que são altamente ativos e sem tempo extra para excesso de abstração.

Através da solidariedade transrural de base, as diferentes bioregiões estarão ligadas entre si e terão a oportunidade de partilhar resultados, dificuldades, recursos, conhecimentos, competências, ferramentas e processos numa plataforma transrural interactiva que pretendemos que possa ser viva e relevante para estas e outras bioregiões.

Como um todo, vemos que este processo IAP nos deu os conhecimentos adequados para levar às próximas fases deste projeto de Catalisadores Comunitários para as Economias Transformativas, onde iremos desenvolver mais sobre os padrões aqui identificados.